



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAICON SÉRGIO MOTA CARVALHO

Bayer e Belford Roxo uma experiência industrial na
Baixada Fluminense (1958 -2008)

Nova Iguaçu

2011

Resumo

A Bayer, multinacional de origem alemã que se constituiu em uma das maiores indústrias do mundo no ramo químico, estabeleceu-se em Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu, em 1958. O presente trabalho visa ilustrar a experiência industrial da Bayer na Baixada Fluminense, especificamente na região de Belford Roxo. Investigando o contexto no qual a empresa veio a se instalar, os motivos que levaram a escolha da localidade, o uso da vila residencial, as transformações produtivas da empresa e suas implicações na relação com os trabalhadores e, por fim, o estudo da experiência da greve. Objetivando situar o caso Bayer – Belford Roxo no contexto da historiografia sobre as relações entre industrialização, urbanização e formação de classe no Brasil do século XX. A região da baixada fluminense até os dias atuais foi pouco explorada pela academia, a intenção é também inserir tal região nos debates acadêmicos.



MAICON SÉRGIO MOTA CARVALHO

**Bayer e Belford Roxo uma experiência industrial na
Baixada fluminense (1958-2008)**

**Monografia apresentada ao curso de História
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciado em História do Instituto
Multidisciplinar da Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro**

Orientador: Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales

Nova Iguaçu

2011



MAICON SÉRGIO MOTA CARVALHO

**Bayer e Belford Roxo uma experiência industrial na
Baixada Fluminense (1958-2008)**

**Monografia apresentada ao curso de História
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciado em História do Instituto
Multidisciplinar da Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales. (UFRRJ)

Prof. Msc. Adrianno Oliveira Rodrigues. (UFRRJ)

Prof^a. Dr^a Surama Conde Sá Pinto. (UFRRJ)

Nova Iguaçu

2011



Agradecimentos

À Deus pela minha existência e por tudo que tenho em minha vida.

À minha mãe – Georgina, meu pai – Sérgio pelo apoio e amor dados em todos os momentos da minha vida, e também por serem responsáveis por tudo que sou hoje.

Ao meu professor orientador Alexandre fortes, por ter compartilhado comigo um pouco de sua sabedoria nas aulas e no suporte à pesquisa.

Aos professores do IM que de alguma forma contribuíram para a minha formação intelectual.

Aos diretores sindicais da Bayer Everton Amilton e Edson Luis que me concederam entrevistas e me colocaram em contato com os documentos do sindicato. Sem a ajuda deles a pesquisa encontraria dificuldades.

Ao senhor Sebastião Felski, funcionário aposentado da Bayer que me contou um pouco de sua história e sobre fatos dos primeiros anos da indústria química na localidade.

À Andréia, minha namorada, pelo amor, companheirismo e palavras de incentivo nos momentos de dificuldades que passei para confeccionar a monografia.

Aos trabalhadores da Bayer que pelo exemplo de luta me estimularam ainda mais a buscar meus objetivos.



Sumário

Introdução	1
Capítulo I: Historiografia sobre a história social do trabalho	4
Capítulo II: Contexto da Instalação e histórico da Bayer na região	22
2.1 Declínio da citricultura, urbanização e industrialização da região	24
2.2 Histórico da Bayer na localidade.....	35
2.3 Vila Operária da Bayer.....	40
2.4 Transformação produtiva da empresa.....	45
Capítulo III: O caso da Bayer Belford Roxo	52
Considerações finais	73
Fontes e Referências Bibliográficas	77

Nova Iguaçu

2011

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência industrial da Bayer na Baixada Fluminense, especificamente na região de Belford Roxo. Para tanto, propusemo-nos a investigar o contexto no qual a empresa veio a se instalar, os motivos preponderantes para a escolha da localidade, como foi a utilização da vila residencial, as transformações produtivas da empresa e suas implicações na relação com os trabalhadores e, por fim o estudo da experiência da greve.

A Bayer está no Brasil desde 1896, ano em que foi fundada a primeira representante dos produtos da Empresa no País. Pouco tempo depois, em 1911, a primeira firma de representação comercial própria da Bayer foi criada, passando a responder por toda a distribuição dos produtos no mercado brasileiro.

Em 1958, há 53 anos, o ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek e o ex-presidente da Bayer, Prof. Ulrich Haberland, inauguraram o Parque Industrial de Belford Roxo, a primeira instalação de produção da Bayer no Brasil. Atualmente, com produção anual de 150 mil toneladas de produtos para a agricultura e matérias-primas básicas para poliuretano, o site reúne a única fábrica de MDI - um dos componentes para formulação do poliuretano - da Bayer MaterialScience na América do Sul e a segunda maior unidade de formulação de inseticidas, fungicidas e herbicidas da Bayer CropScience em todo o mundo.

A Bayer, em conjunto com as empresas parceiras instaladas no Parque Industrial de Belford Roxo, tornou-se a maior geradora de empregos de Belford Roxo, cidade de 500 mil habitantes. A indústria passou, ao longo desses cinquenta anos, por importantes transformações que se refletiram fortemente na sua relação com a força de trabalho local. Inicialmente, todas as funções de chefia foram preenchidas por alemães, moradores de uma vila construída pela empresa nos seus arredores. Além disso, Informações preliminares indicam que a empresa teve papel decisivo na definição dos contornos assumidos pelo processo de urbanização local e ela teria tido participação importante (pelo menos em termos de arrecadação) na emancipação do município em 1992.

O recorte temporal de nossa pesquisa é (1958-2008), percebe-se que, neste período, a fábrica atravessou ao longo dos anos conjunturas muito diferentes como: as incertezas e o

período de exceção da política brasileira com o golpe nos anos 60, inflação e planos econômicos nos anos 80 e os efeitos da globalização e abertura econômica nos anos 90. Ainda assim, em meio a algumas dificuldades surgidas no decorrer dos anos, a empresa se manteve no mesmo local exercendo, desta maneira, uma influência decisiva sobre a comunidade de Belford Roxo, sendo importante no desenvolvimento econômico e social da área.¹ Convém lembrar que na porta de entrada do prédio da direção da empresa constam duas placas, a da inauguração com a assinatura do Juscelino Kubitschek e a do cinquentenário com a assinatura do Lula; tal fato pode revelar a importância da indústria à economia brasileira.

Ademais, cabe explicitar o motivo da escolha do objeto de pesquisa, além de ser morador de Belford Roxo sempre tive um imenso interesse em desenvolver um estudo cuja temática fosse algo próximo a mim e relacionado à Baixada Fluminense. As disciplinas ministradas pelo professor Alexandre Fortes relacionadas à história dos trabalhadores exerceram fascínio sobre a minha pessoa, daí outro motivo que corrobora para a escolha da temática – o meu desejo de fazer um estudo no âmbito da história social do trabalho-. Uma das poucas indústrias instaladas no território de Belford Roxo, sendo uma multinacional alemã e que hoje exerce importância estratégica no município, tal fato, despertou-me o interesse em desvendar um pouco de sua história.

A pesquisa buscará entender se a instalação da Bayer, em 1958, na localidade, enquadra-se no processo de urbanização e industrialização vivido pela região naquele momento. Sabe-se que o declínio da citricultura fez com que a localidade se reinventasse, perdendo, assim, aos poucos, o seu caráter rural e ganhando contornos urbanos, dando assim os primeiros sinais de industrialização. Além disso, a reestruturação do parque industrial do Rio de Janeiro implicou numa industrialização de sua periferia, através do direcionamento de investimentos para outras áreas fora do eixo central da cidade. Uma das consequências da industrialização da Baixada foi o seu poder de atração de migrantes que não conseguiam se estabelecer no centro da cidade do Rio de Janeiro por inúmeros fatores. No bojo desse processo de urbanização e industrialização da região, Nova Iguaçu assume um papel destacado.

Objetivando não perder de vista as experiências vividas pela empresa na localidade, será analisado o porquê e como foi utilizada a vila residencial da Bayer. Observa-se que em diversos casos de fábrica com vila operária registrados pela historiografia, a vila foi utilizada

¹ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.30.

como mais uma forma de dominação da força de trabalho, analisaremos se ocorre o mesmo no caso da vila da Bayer.

Outro ponto que será analisado são as transformações produtivas ao longo dos anos e suas implicações na relação com a força de trabalho. A Bayer manteve ao longo de sua história um discurso e uma pose de boa empresa, orgulhava-se em dizer que por ter uma boa política social e salarial não passava por contestações por parte de seus trabalhadores. Entretanto, em junho de 1989, essa situação é posta em cheque pela greve de duração de 15 dias, que foi um duro embate entre empresa e seus trabalhadores. Está na pauta de nossas questões saber os motivos da greve, como os trabalhadores se organizaram e como foi a posição da empresa junto ao movimento grevista.

Através dos objetivos colocados visamos dar conta de alguns “fatos” do processo histórico proposto para o estudo. Para isso, será utilizada como metodologia uma combinação entre, de um lado, análise e sistematização de bibliografia especializada e, de outro, levantamento e análise de documentação primária (incluindo fontes escritas e oral). Logo, as entrevistas serão uma fonte importante para confecção do trabalho, sabe-se “que o uso das entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro”.² “Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral”.³

De forma sintética podemos dizer que o primeiro capítulo é um balanço historiográfico sobre a que ponto está a história social do trabalho.

O segundo capítulo trata do contexto da instalação e histórico da Bayer na região, ressaltando aspectos como: a relevância da instalação da Bayer no panorama de industrialização nacional e de urbanização local nos anos 50, utilização da vila residencial e o resultado dos processos de transformação tecnológica e gerencial para os trabalhadores.

O terceiro capítulo tem como foco a análise da greve da Bayer, ocorrida em junho de 1989, procurando entender os motivos preponderantes que propiciaram a ocorrência do movimento grevista, logo a investigação ficará centrada no desenrolar desse acontecimento.

² Informação Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 nov.2011

³ Informação Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 nov.2011.

Capítulo I

Historiografia sobre a história social do trabalho

Como ponto de partida do trabalho é preciso analisar as representações da classe operária brasileira perante a historiografia, que se dedicou ao estudo dessa temática ao longo do tempo. A formação do operariado brasileiro foi objeto de estudo de parte da produção historiográfica nacional. Desse modo, muitas pesquisas foram feitas, textos foram escritos e nessa esteira algumas controvérsias vieram à tona, este capítulo visa fazer um balanço historiográfico sobre a que ponto está a história social do trabalho. Tornando-se de suma importância ilustrar o seu percurso, sendo que neste trabalho trataremos restritamente do caminho percorrido pela historiografia do trabalho livre de forma sintética. Devido ao objetivo central do trabalho que visa situar um estudo de caso de uma indústria química do século XX, nos debates historiográficos.

Os estudos iniciais sobre a classe operária no Brasil foram executados por militantes, o que se tinha era uma produção militante na 1ª metade do século XX, feita por (Sindicalistas ativistas políticos de esquerda, jornalistas e advogados vinculados ao movimento operário). Tinha um perfil não acadêmico - não comportava uma preocupação historiográfica central, a natureza das fontes utilizadas por essas produções adivinha de: folhetos, publicações oficiais e semi- oficiais. A produção militante da segunda metade do século XX assume duas formas a das efemérides e as histórias inaugurais, a primeira forma preocupa-se com os grandes feitos do movimento e de suas organizações, leia-se: (greves, congressos, fundação de associações e partidos), a segunda seriam as histórias inaugurais que dividem a história da classe em fases: pré-história e a história.

Tal produção tinha como função legitimar a classe, a política sindical, a corrente ideológica, partido ou o militante. O marco era 1922 (antes e depois) a fundação do partido comunista, um momento importante, inaugurava-se uma nova fase da vida de classe. Outra característica dessa produção era o estilo hagiográfico, que constituía a mística de fortalecer a unidade do líder genial.⁴ Batalha ressalta a importância destes escritos que não podem ser

⁴ Ver: PEREIRA, Astrojildo. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962; TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962. p. 35.

esquecidos, são importantes como fonte, mas estão marcados pelas disputas e tendências entre partidos.⁵

Nos anos de 1960, surge uma série de estudos feitos por sociólogos que visavam analisar o movimento operário brasileiro. A partir deles, algumas teorias explicativas sobre a classe operária e suas opções ideológicas são criadas, as análises em geral eram feitas por paulistas, destaca-se Florestan Fernandes, Juarez Rubens Brandão Lopes⁶, Leôncio Martins Rodrigues⁷, José Albertino Rodrigues.⁸ Observa-se o fato de que as sínteses sociológicas procuraram entender as particularidades da sociedade que estava emergindo no Brasil. O momento era de ampla industrialização no sudeste brasileiro e um fluxo migratório significativo para essa região. De acordo com essas análises as primeiras noções foram introduzidas acerca do tema. Vigorava-se a idéia de um vínculo entre o anarquismo e a origem estrangeira da classe operária no pré-30 e uma noção de uma predominância do anarquismo no movimento sindical da primeira república. Tais noções vão ser profundamente estudadas em momentos posteriores e algumas delas irão ser refutadas.

As primeiras tentativas de entendimento do lugar da classe operária na sociedade brasileira, os trabalhadores apareciam de forma não muito significativa e buscava-se grandes teorias explicativas, assim:

Nas primeiras incursões analíticas sobre o lugar da classe operária na sociedade brasileira, os trabalhadores apareciam muito palidamente em modelos interpretativos generalizantes e demiurgos conceituais, como “povo e nação” - na versão do pensamento autoritário de Oliveira Vianna -, “reforma e revolução” - nas teleologias normativas do Partido Comunista - , “arcaico e moderno”- nas interpretações sociológicas dos anos 1950 e 1960. Nesses registros, os trabalhadores apareciam como “sujeitos” incapazes de definir projetos e práticas independentes do Estado. A partir de meados da década de 1950, a política nacional desenvolvimentista, a correspondente industrialização acelerada e o massivo fluxo migratório do campo para a cidade pareciam legitimar as análises sobre esse “processo de modernização” captado pelo conceito de transição do mundo rural para o mundo urbano. Emergia, então, o problema das potencialidades de transformação da sociedade brasileira, mas a maioria dos autores afirma ter encontrado uma sociedade frágil, que se modernizava sob o peso paquidêmico da tradição burocrática do Estado que, na expressão de Castro Gomes, ‘revelava os excessos do poder público, do qual emanaria o fundamento do poder privado’.⁹

⁵ BATALHA, Claudio. (2007) “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In Marcos Cezar de Freitas (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Editora Contexto. p. 151.

⁶ Os resultados de sua análise foram publicados pelo autor no livro: *Sociedade Industrial no Brasil, Difusão Européia do Livro*, 1964.

⁷ Ver: RODRIGUES, Leôncio Martins. *Industrialização e Atitudes Operárias*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

⁸ Ver: RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

⁹ “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980” de Sidney Chalhou e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos *Cadernos AEL*, v. 14, n. 26, 2009.p.27.

Ademais, os trabalhadores, que muitos vieram do campo teriam poucas alternativas políticas frente à nova conjuntura que eles viam de frente naquele momento, ao modo que:

Diante da justaposição de tradições socioculturais patriarcais e patrimonialistas e de padrões modernos de racionalidade e sociabilidade urbanas, supostamente impessoais, as chances de os trabalhadores criarem alternativas políticas independentes pareciam quase nulas. A classe operária emergia, assim, como vítima de uma modernização incompleta e de um capitalismo tardio, capaz apenas de servir como vetor de sustentação das estratégias políticas populistas e como peça de manobra da engrenagem da dominação burguesa.¹⁰

Verifica - se a construção dessa imagem coletiva acerca da classe operária na abordagem de Juarez Brandão Lopes que entende como um problema o imenso contingente populacional que vinha do campo para a cidade, esse mesmo não se ajustava ao mundo fabril.¹¹ Segundo ele, nesses migrantes que vinham do campo para o mundo urbano tudo lhes faltava: estabilidade profissional, resistência aos métodos de intensificação do trabalho, práticas de solidariedade coletiva, “comunidade informal de grupo”, formação profissional, tradição de trabalho industrial.¹²

No trabalho de Lopes, assim como, de outros autores pertencentes à escola sociológica dos anos 60, são perceptíveis alguns traços que esses autores buscavam enfatizar como característica da incipiente classe operária: origem rural, ausência de estabilidade profissional, ausência de padrões de ação coletiva, ausência de tradições, ausência de crenças de classe.¹³

Em seu trabalho, o autor, estuda o crescimento industrial em São Paulo, esse crescimento teria propiciado uma mudança na estrutura das classes ocupacionais, especificamente os níveis de trabalho semi - qualificado e qualificado. O estudo também coloca na pauta a questão da mobilidade social, observando o movimento vertical de uma classe para outra. Seguindo sua análise é feita uma contraposição de costumes, hábitos e crenças entre as sociedades tradicionais e as sociedades modernas capitalistas, atentando para as diferentes acepções em termos do trabalho e relações econômicas. Lopes analisa o processo que trata da fixação do operariado de origem rural na moderna sociedade industrial. Para isso, ele estuda uma fábrica, que foi formada em São Paulo por brasileiros e europeus, fato importante era a constatação dos europeus exercerem os cargos mais altos, enquanto os de baixo nível técnico ficavam a cargo de brasileiros. Verificando a origem dos trabalhadores, os não qualificados ou semi- qualificados eram na maioria de fora da cidade de São Paulo, boa

¹⁰ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhou e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.28.

¹¹ LOPES, J. R. B. *Crise do Brasil arcaico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.p.46.

¹² LOPES, J. R. B. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971. p.35.

¹³ LOPES, J. R. B. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.p.44.

parte dos não qualificados vieram para São Paulo do mundo rural. A seguir Juarez faz uma breve descrição da origem desses operários, descrevendo na essência como era o funcionamento do mundo rural, no qual as famílias tinham estreitas ligações com o mundo agrícola. Os imigrantes vinham de cidades do interior de São Paulo como também de estado vizinhos (Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná), constata-se a presença de imigrantes da Bahia e do Nordeste.

É importante ressaltar que o imigrante nordestino difere-se do imigrante do interior paulista no tocante à questão da terra e da propriedade privada, os nordestinos tinham uma noção familiar da posse da terra, o sítio era propriedade “de todos” da família. Acerca da migração é percebido um intenso fluxo migratório no século XX, na fábrica estudada, os imigrantes eram jovens, que não tinham o interesse de se erradicar aqui. Tinham o desejo de fazer a vida no sul e depois voltar para sua terra natal. A vinda para São Paulo pode ser explicada por diversos motivos, fugir da seca, tentar melhores condições de vida, fama positiva do sul e até mesmo por espírito aventureiro de alguns jovens. Desse modo, o autor conclui tanto os do interior de São Paulo como os do Nordeste, dirigiam-se para a metrópole paulistana à procura de melhores oportunidades de trabalho. Muitos deles principalmente os nordestinos pretendem com as economias feitas na cidade, voltar para a agricultura ou entrar no comércio na sua terra natal. Juarez defende a ideia de que os migrantes nordestinos não se identificavam com a causa operária.

Ademais, Lopes considera que há uma ausência de padrões de ação coletivas, por meio de sua análise os operadores, contramestres entre outros esses não teriam união. O sindicato é para esses operários quase sempre um meio de que se utilizam para fins econômicos individuais (aumento de salário, indenização, aviso prévio etc.).¹⁴ Os operários em sua maioria eram oriundos do mundo rural e, então, eram ligados a uma estrutura social que de certa forma regulava a sua conduta, quando eles se desligam dessa estrutura, a tendência era de se comportarem de acordo com os seus interesses pessoais. Essa peculiaridade teria facultado da classe operária insurgente um estilo mais combativo reivindicativo.

Outro autor desta mesma escola que discorre sobre a classe operária é José Albertino Rodrigues.¹⁵ Ele é um dos autores que critica 1930 como um marco, faz uma proposta de

¹⁴ LOPES, J. R. B *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.p.6.

¹⁵ RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1968.

periodização para o estudo do movimento operário, segue uma divisão cronológica da história do movimento operário sindical brasileiro, o movimento estaria dividido em cinco fases: 1º- período mutualista (antes de 1888), 2º- período de resistência (1888-1919), 3º- período de ajustamento (1919-1934); 4º- período de controle (1934-1945) e 5º- período competitivo (1945-1964).

Essa periodização Albertino faz por conta de que ele achava as tentativas de caracterização do movimento sindical um tanto o quanto simplista ao se limitar em somente dois períodos distintos: antes e depois de 1930. Segundo o mesmo autor a data é importante, pois, marca algumas transformações significativas no Brasil, Albertino diz “Mas a ênfase nessa data peca, de um lado, por um subjetivismo outubrista e por outro lado, por um simplismo ou mesmo falta de conhecimento da realidade social da primeira República”.¹⁶ Todavia, é chamada a atenção de 1930 como período relevante, pois, ocorreu uma avalanche de leis, decretos, decretos-lei e portarias. Desse modo, tendo uma abrangência das questões relativas ao trabalho e do seguro social.

Falando da divisão proposta por José Albertino, a primeira fase já referenciada seria o período mutualista que não foi uma época essencialmente sindical, no entanto, parece ser uma fase embrionária do período sindical. A fase mutualística é marcada pela presença de associações de ajuda mutual, essa fase coexistiu com o trabalho escravo e a abolição assinala o seu fim. O segundo período é intitulado de resistência, isso devido ao grande número de organizações se intitularem desta forma: União de Resistência, Associação de resistência. A tentativa de periodização do autor tem sua relevância na expansão da caracterização do movimento operário, entretanto, apresentar o movimento como cumprindo etapas ao longo do tempo tem suas fraquezas e requer um rigor metodológico mais amplo. A questão das fases se mostrou muito complicada e, se for pensada em forma etapista, o esquema evolutivo de Albertino deixa a desejar.

Sobre as produções sociológicas que tentavam entender as migrações rurais e sua interação com a formação da classe trabalhadora no Brasil, Paulo Fontes nos diz:

Balizadas pela noção de modernização, tais análises sistematizavam em uma linguagem acadêmica muito da visão contemporânea sobre a suposta divisão estrutural do país entre o “atraso rural” e o “progresso” urbano. Assim, a migração era vista como a passagem de sociedades e culturas tradicionais e arcaicas para as cidades, espaço do desenvolvimento industrial e do moderno. Os migrantes, dessa

¹⁶ RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e desenvolvimento no Brasil. São Paulo: DIFEL, 1968, p.4.

forma, estariam como que transpondo “ literalmente em poucos dias várias épocas da evolução socioeconômica”.¹⁷

Desse modo, na ótica dessa sociologia os primeiros trabalhadores migrantes que foram empregados em proporções elevadas nas modernas fábricas para exercerem trabalhos que exigiam pouca qualificação, estariam ainda impregnados por resíduos culturais tradicionais devido a sua origem do universo rural. Com pouca experiência no universo urbano- industrial desenvolveram um nível insignificante de ajustamento ao novo contexto, não se identificando com a condição operária, numa espécie de “adaptação apática”. Assim, os trabalhadores migrantes nacionais sem tradição de classe, seriam contrastados com o proletariado anterior a grande migração interna. No período pré-1930, o operariado seria composto em larga medida por imigrantes europeus, esses trariam de seus países originários uma experiência de classe e rapidamente teriam organizado uma resistência radical e militante aos patrões e ao Estado.¹⁸

Ainda de acordo com essa visão das produções sociológica dos anos 1950 e 1960 os migrantes por apresentarem essas características seriam facilmente manipulados por discursos populistas:

Originários de um ambiente agrário marcado pela dominação paternalista – “ que acarretou uma atitude de submissão das pessoas pertencentes às camadas inferiores ante os membros dos estratos superiores, em que a humildade e o respeito são o traço característico” – os novos operários imigrantes, considerados passivos e apáticos politicamente, seriam facilmente manipulados pelo discurso e ação de políticos populista carismáticos.¹⁹

Sidney Chalhou e Fernando Teixeira da Silva²⁰, em artigo que trata sobre os trabalhadores na historiografia brasileira, verificam como a classe operária foi vista pelos estudiosos que se debruçaram sobre ela, falando sobre as versões de Brandão Lopes e Martins Rodrigues:

Nesses trabalhos, a classe operária aparecia “inteiramente subordinada à determinação estrutural das condições de industrialização”, incapaz de articular um entendimento correto das circunstâncias históricas do momento por “falta de consciência adequada de classe, logo permanecia impotente para transformar social e politicamente o país. O resultado disso seria a subordinação dos sindicatos aos

¹⁷ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro : Editora FGV, 2008,p.27.

¹⁸ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66).- Rio de Janeiro : Editora FGV, 2008, p.28.

¹⁹ RODRIGUES Apud FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66).- Rio de Janeiro : Editora FGV, 2008, p.28.

²⁰ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhou e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.29.

poderes públicos, permitindo ao Estado o papel de “real protagonista da história”. As idéias do “protagonismo” perdão pelo neologismo do Estado e da fraqueza da classe operária e da própria sociedade civil enfeixaram o conceito de populismo, segundo o qual os trabalhadores sindicalizados “foram engolidos e burocratizados pela ação do Estado através da ordenação jurídica da CLT”. A capacidade de intervenção dos trabalhadores na arena pública era apresentada como uma força potencial lançada num futuro incerto, quando a sociedade brasileira viesse a se tornar uma nação capitalista plenamente industrializada, o que levaria os trabalhadores a “atualizarem” sua consciência à sua “condição objetiva” de proletários. O parâmetro dessa “atualização” repousava no contraste do processo histórico brasileiro com o de países de industrialização dita “clássica”, como se pudesse haver algum modelo universal de desenvolvimento das sociedades.²¹

Para Paulo Fontes, criticados em várias de suas premissas teóricas e conclusões, os estudos dos sociólogos do trabalho nos anos 1950 e 1960, apesar das críticas, os estudos tiveram o inegável mérito de tentar compreender o impacto das migrações e das supostas tradições culturais dos imigrantes sobre o proletariado.²²

Nos anos de 1970, tem-se o início da inserção da história acadêmica nos assuntos relativos aos operários, assunto que até o período era dominado pela sociologia. Neste sentido, tiveram papel preponderante historiadores estrangeiros especializados em Brasil, os chamados “Brazilianistas”, destaca-se o trabalho de Michael Hall²³, desenvolvido no campo da imigração, foi importante, pois, fez-se necessária uma revisão da classe operária. Em seu trabalho o autor destaca a origem rural dos imigrantes europeus, verifica ausência de experiência industrial e participação política nos seus países de origem. Rebate um dos pontos em que os trabalhos de sociólogos enfatizavam que os imigrantes europeus que compunham a classe operária da primeira metade do século XX tinham uma experiência de classe, em contraposição aos membros da classe da segunda metade do século XX, composta de muitos migrantes nacionais vindos do nordeste, nessa era latente a falta de ajustamento à condição operária segundo as formulações dos intelectuais sociólogos do trabalho.

Hall ao apontar a origem rural de uma parcela significativa dos imigrantes europeus que aportavam no Brasil, assim como a ausência de experiência fabril e carência de militância política em seus países, com esses argumentos o Brazilianista demonstrava a fragilidade de tais explicações proposta pelas sínteses sociológicas.

²¹ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.30.

²² FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro : Editora FGV, 2008, p.29.

²³ Ver.: HALL, Michael M. The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914. Nova Iorque: Columbia University, 1969. (tese)

Na década de 1970, somada à contribuição dos Brazilianistas, temos a abertura de um leque maior de fontes, as pesquisas são agora feitas com fontes mais palpáveis. A produção brasileira dá um salto de qualidade por conta da abertura de novas possibilidades de fontes e também de novos locais para a pesquisa como: a criação de Centros de Documentação dedicados à memória operária; Arquivo Edgard Leuenroth- da UNICAMP (São Paulo- anos 1970), Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro – ASMOB (Milão- 1977) e o Centro de Memória Sindical (São Paulo anos 80), esses são alguns exemplos de novos locais para o exercício da pesquisa nessa área.

Ainda na década de 1970, mas precisamente no final dela “as análises que subsumiam os trabalhadores às determinações estruturais da industrialização, à lógica da acumulação capitalista e às escolhas políticas da esquerda passaram por profundo escrutínio”.²⁴ Segundo Chalhoub e Teixeira a classe operária nessa etapa das análises era buscada em circunstâncias históricas precisas e passava a ser vista como sujeito político, que articulava estratégias de luta no interior de um conjunto de constrangimentos diversos – de ordem econômica, disciplinar, burocrática, policial etc. Credita-se que a “virada” nos estudos estaria ligada aos movimentos grevista que surgiram, principalmente, em São Paulo e ABC paulista, a partir de 1978. O mundo acadêmico, parcelas significativas da opinião pública ficaram surpreendidos com as mobilizações operárias, diante delas foi colocada em questionamento a imagem de atrofia e passividade dos trabalhadores.

De acordo com as definições de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira é possível discernir ao menos três vertentes de investigação da história dos trabalhadores:

Num primeiro momento, o interesse acadêmico concentrou-se no movimento da primeira República, abordando a sua inspiração anarquista e estratégias de recusa ao Estado. [...] A segunda vertente foi o retorno às tentativas de interpretação do populismo. A visão tradicional era a de que a legislação social e trabalhista, a instituição da Justiça do Trabalho e o corporativismo sindical foram coisas pensadas para impor determinada dominação de classe, para submeter os trabalhadores de modo absoluto a estruturas de dominação das quais o próprio Estado tornava-se fiador. Numa guinada interpretativa influenciada fortemente pelos estudos de E. P. Thompson sobre paternalismo, cultura plebéia e direito na Inglaterra do século XVIII — trabalhos também de grande repercussão, à época, nos novos estudos sobre escravidão —, tornou-se possível pensar os problemas da legislação e aplicação dos direitos trabalhistas como “campo de força comum” em que diferentes atores se movimentavam, ou, dito de outra forma, como recursos e significados sociais gerais passíveis de diferentes apropriações políticas pelos sujeitos históricos. [...] A terceira vertente nos estudos sobre a história dos trabalhadores decorrente da virada analítica da década de 1980 pode ser resumida na idéia de alargamento de horizontes

²⁴ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.30.

conceituais e possibilidades de pesquisa. Ampliou-se, para começar, o conceito de “trabalhador” no imaginário acadêmico.²⁵

Na Primeira vertente, os pesquisadores centraram no movimento operário da primeira república e com suas pesquisas empíricas foi nuançada a imagem da onipresença de correntes anarquistas no movimento operário. As versões que apresentavam um movimento operário com aura legendária foram matizadas, na proporção que os estudos demonstravam uma realidade muito mais complexa e desagregadora vivida pelos operários.

Em trabalho que faz uma breve história do movimento operário na primeira república e faz uma demonstração de suas diferentes correntes ideológicas e estratégias de luta. Claudio Henrique Batalha relativiza a ideia de autonomia dos trabalhadores, pois, não faltaram exemplos de tentativas de negociação com o Estado e até de introdução de medidas legislativas relevantes para os trabalhadores anos antes da avalanche de medidas dessa natureza nos anos de 1930.²⁶ Algo relevante dessa primeira vertente é que “a história operária deixou de ser unicamente a história do movimento operário organizado”²⁷, ampliou-se o leque de temas, por exemplo: processos de trabalho, condições de vida e mulheres trabalhadoras.²⁸

Para, além disso, a evolução se deu no campo do recorte espacial deixando de se ater somente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Teve-se um alargamento dos estudos ultrapassando as fronteiras pré- estabelecidas e os estudos se debruçaram sobre outras regiões do país.²⁹ Somados a essa evolução nos novos espaços de estudo, ocorreu uma ampliação no tocante às fontes para o trabalho do historiador, diversos documentos passaram a ser utilizados como: utilização de processos judiciais, imprensa operária, correspondências diplomáticas, fontes policiais, depoimentos orais, ao lado da publicação de documentos e da criação de centros de documentação com farto acervo sobre a história dos trabalhadores. A

²⁵ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.32.

²⁶ Ver: BATALHA, C. H. de M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.p.34.

²⁷ BATALHA apud "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.33.

²⁸ A título de exemplo ver: PENA, M. V. J. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

²⁹ A título de exemplo ver: DUTRA, E. R. de F. *Caminhos operários nas Minas Gerais: um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República*. São Paulo: HUCITEC; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1988. ; PETERSEN, S. R. F.; LUCAS, M. E. (Org.). *Antologia do movimento operário gaúcho: 1870-1937*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS: Tchê, 1992;

história operária ganhava novo fôlego e agora feita por historiadores que passaram a dominar a temática.

A segunda vertente foi o retorno às tentativas de interpretação do populismo, para muitos autores esse era o conceito chave para entender o Brasil contemporâneo. Segundo Francisco Weffort³⁰ o populismo estaria ligado às transformações sociais, econômicas e políticas no país. A partir de 1930 tem - se um processo de transformação do eixo da economia, verifica-se um aumento dos centros urbanos. Há um processo de proletarianização dessa sociedade que começa a ter relações urbano- industriais, a crise da burguesia agroexportadora privilegia a mudança.

O populismo conforme Weffort seria a incorporação das massas na política de forma tutelada, o autor às vezes escorrega e fala em manipulação, entretanto ele mostra não ser uma manipulação pura e simples. Nas leituras clássicas tem-se o estado forte e a massa débil, observa-se dessa forma, o discurso de manipulação das massas, quando ocorre essa visão o sujeito da história é o estado e a sociedade seria vitimizada. Para o autor, as lideranças tinham que atender a demanda dessa sociedade, não dá para você ficar manipulando o tempo todo, algum tipo de conquista essa sociedade tem que ter.

A obra de Francisco Weffort teve sua relevância e serviu de inspiração para diversos trabalhos nos anos de 1970 e 1980 que:

Apesar de suas observações sobre a ação e auto – organização da classe operária, tenderam a incorporar o esquema de um Estado manipulador e de lideranças demagógicas cooptando as massas trabalhadoras como paradigma explicativo da vida social e política nacional entre 1930 – 64. De tão disseminada, tal explicação passou a adjetivar inclusive o próprio período, chamado por muito de “era populista” ou república populista”.³¹

Em meados da década de 1980, a perspectiva de era populista descrita acima passou a ser criticada. Novas pesquisas e estudos procuraram rejeitar a passividade dos trabalhadores e assim como as ideias de cooptação e manipulação por um estado todo poderoso. Muitos historiadores que se debruçaram sobre a temática da classe trabalhadora no período de 1930 a 1964 estão dando ênfase aos trabalhadores como sujeitos da história que mobilizam suas ações num determinado cenário de pressão. Os trabalhadores nessas abordagens têm

³⁰ WEFFORT, Francisco C. Origens do sindicalismo populista no Brasil (A conjuntura do após guerra). Estudos Cebrap, nº 4, São Paulo: Cebrap, 1973.

³¹ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p.29.

demonstrado percepções de suas próprias ações e souberam se utilizar de artifícios para obterem de alguma forma uma resposta para suas demandas.³²

Na obra de Jorge Ferreira³³, visualiza-se que o autor se empenhou em demonstrar os principais pontos dos debates recentes acerca do conceito do populismo e traz também um balanço das críticas feitas ao conceito. O autor está preocupado em analisar a categoria do populismo, ele quer perceber como essa categoria é vista pelos estudiosos. Iniciando sua análise Jorge percebe que nos anos 50 e 60 a teoria da modernização teve repercussão nos meios acadêmicos nacional, ela foi importante para a formulação da noção de populismo da época.³⁴

Conforme a teoria da modernização a passagem de uma sociedade tradicional para uma moderna ocorreu rapidamente atropelando os canais clássicos de participação política e social. Assim, surgiram líderes oriundos das classes médias prontos para manipularem as massas. O populismo surgiu em um momento de transição dessa sociedade para a moderna implicando na vinda de populações do campo para a cidade – o mundo agrário invadindo o urbano- industrial. A teoria da modernização recebeu diversas críticas, entretanto: imagens de “atraso”, “desvio” e manipulação ainda perdurariam. De acordo, com a teoria da modernização essa tutela do estado para com a classe operária faz um desvio sobre a formação da classe operária. A classe teria sido cooptada, então ela sofreu um desvio, fugiu do traçado característico da classe operária, Jorge ferreira critica essa vertente segundo ele, na virada dos anos 70 para os 80, as definições do populismo, como até ali formuladas, começaram a dar sinais de enfraquecimento. A teoria da modernização, a percepção de um estado forte e uma sociedade civil fraca não mais satisfazia os historiadores.³⁵

O historiador Jorge Ferreira faz um balanço da historiografia que estuda o período varguista. Segundo o autor, a história como tem sido contada retoma uma longa tradição intelectual, reforçada por um tipo de marxismo que defendia um modelo específico de classe trabalhadora – e um caminho único a ser seguido. Se a classe não surgia como se imaginava, a

³² Ver: FRENCH, John. O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900 – 1950. São Paulo: Hucitec/São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995. p.265.

³³ FERREIRA, Jorge. *O Nome e a coisa: O populismo na política brasileira*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. pp. 59-124.

³⁴ FERREIRA, Jorge. *O Nome e a coisa: O populismo na política brasileira*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.62.

³⁵ Informação Disponível em:< <http://faceaevento.wordpress.com/2010/11/08/661/>>. Acesso em: 22 ago.2011.

explicação só poderia ser encontrada no poder repressivo do Estado, na manipulação ideológica e, ainda, nas práticas demagógicas das políticas populares.³⁶

Para Jorge, as relações entre estado e sociedade não eram de mão única, de cima para baixo, mas, sim de interlocução e de cumplicidade. O autor rejeita as leituras em que o populismo é visto como: repressão, manipulação, controle e satisfação, para ele a contribuição mais significativa passa pelas contribuições de Thompson e da história cultural assim por esse viés a classe trabalhadora também é o sujeito da história.

Devido ao populismo ter se tornado um conceito polissêmico e em alguns casos possuir uma aura negativa, certos autores chegam a rejeitar seu uso:

Com diferenças de ênfase, Gomes (2001), Ferreira (2001) propõem a noção de trabalhismo como mais adequada para pensar as relações entre Estado e classe trabalhadora naquele período. Gomes fala em “pacto trabalhista”, que procura “ênfatizar a relação entre autores desiguais, mas onde não há um Estado todo – poderoso”. Ferreira segue a trilha aberta por Gomes e afirma a importância de um projeto trabalhista, cuja expressão institucional teria sido o Partido Trabalhista Brasileiro, “a organização mais popular durante a experiência democrática do pós – 45, tornando-se, em 1964, a maior agremiação no espectro político do país”.³⁷

Segundo Paulo Fontes o que fica claro é “que esse debate corrente expressa a grande insatisfação com os marcos do paradigma de populismo tal como formulado por Weffort e seus seguidores”.³⁸ Fica evidente a busca por uma nova teoria explicativa que abarque a dinâmica política e social que envolve a experiência de trabalhadores brasileiros em um período significativo do século XX. Fontes considera a substituição dos conceitos de populismo por trabalhismo algo inadequado, assim como Alexandre Fortes nos revela as limitações da troca “Além do risco de substituir o estigma pela apologia ao trocarmos “populismo” por “trabalhismo” podemos estar mantendo, ou até mesmo aprofundando o equívoco de tentar explicar elementos diferentes de um mesmo momento histórico por um único termo”.³⁹

³⁶ Informação Disponível em: < <http://faceaevento.wordpress.com/2010/11/08/661/>>. Acesso em: 23 ago.2011.

³⁷ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p.30.

³⁸ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p.31.

³⁹ FORTES, Alexandre. O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino-americano. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 61-86, 2007.

Ademais, Fortes em artigo que visa examinar a crítica ao uso do conceito de "populismo" e a proposta de sua substituição pelo termo "trabalhismo". O autor diz que muitos autores tentam o abandono do conceito de populismo que, “entretanto eles têm apresentado como alternativa ou termos descritivos associados a variantes específicas do fenômeno ("trabalhismo", "cardenismo", "peronismo") ou caracterizações ainda mais genéricas, como "nacional-estatismo”.⁴⁰ Apesar de muitos desses críticos apontar em ter o conceito de populismo sido prejudicado pelo estigma que pairou sobre ele, Alexandre salienta que nenhuma das opções apresentadas permite pensar em âmbito latino americano-, nem sequer permite pensar o Brasil como um todo.⁴¹

A crítica também a esses autores que buscam a troca dos conceitos de populismo para trabalhismo para entender o período de 1930 a 1964 está em enfatizar a análise da classe quase que unicamente as relações de trabalho e o mundo sindical. No entanto, é necessário entender as relações políticas - em profunda associação com outras dimensões da experiência dos trabalhadores naquele período.

Ainda na segunda vertente de investigação da história dos trabalhadores, os trabalhos se esforçaram para demonstrar um pouco mais que a visão tradicional. Assim ficou demonstrado que a ordenação jurídica do mundo do trabalho nem sempre foi mera amarra diluidora da ação operária, mas um elemento constitutivo de sua cultura e experiência que em certos momentos, ameaçava romper a lógica de reciprocidade entre governo e trabalhadores.⁴² A visão dos trabalhadores sobre as leis e a justiça do trabalho não parece ter sido única, alguns trabalhadores souberam se utilizar delas para combater as violações patronais, nesse sentido a justiça do trabalho tornara-se um campo de disputa. Para John French, “as leis tornaram-se ‘reais’ nos locais de trabalho, somente na medida em que os trabalhadores lutaram para transformar a lei de um ideário imaginário em uma realidade futura possível”.⁴³ Parece-me que com a guinada interpretativa impulsionada pelos novos estudos, fica demasiado simplista pensar na legislação social e trabalhista, na instituição da

⁴⁰ FORTES, Alexandre. O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino- americano. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 61-86, 2007.p.73.

⁴¹ FORTES, Alexandre. O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino- americano. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 61-86, 2007.p.74.

⁴² "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.38.

⁴³ FRENCH, John D. *O ABC dos Operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.p.10.

justiça do trabalho, assim como, o corporativismo sindical como meros entes de dominação dos trabalhadores.

A terceira vertente nos estudos acerca da história dos trabalhadores é apelidada de alargamento de horizontes conceituais e possibilidades de pesquisa. Ela está situada no início da década de 80, ponto importante foi a ampliação do conceito de “trabalhador” no espaço acadêmico. Com isso os trabalhadores deixavam de entrar nos escritos acadêmicos somente como movimento operário organizado. Para, além disso, inicia-se um distanciamento daquela tradição ensaística das grandes interpretações, buscam-se agora os agrupamentos profissionais (têxteis, gráficos, portuários etc.). Passa-se a investigar outras esferas da experiência dos trabalhadores, nesse sentido torna-se importante estudar: suas formas de organização, movimentos específicos e suas dinâmicas próprias, a composição da força de trabalho, fluxos migratórios, a vida operária dentro das fábricas, os processos de trabalho, assim como o lazer e o cotidiano dos trabalhadores fora das fábricas, abrangendo aspectos como cultura, etnicidade, gênero, educação, habitação etc.⁴⁴

Início dos anos de 1980 chega à forte influência da historiografia marxista inglesa – Edward Thompson (*A formação da classe operária inglesa*) e Eric Hobsbawm (*Trabalhadores e Mundos do trabalho*). A história do movimento operário deixa de ser somente a história do movimento operário organizado. Apresentam-se ampliações: cronológicas (conjunturas mais delimitadas), - e temáticas mais diversificadas. A obra de Thompson e os artigos de Hobsbawm foram de vital influência na reorientação da história do trabalho brasileira, diante disso, alguns aspectos da vida dos trabalhadores ganharam relevância nos trabalhos acadêmicos, por exemplo: a cultura operária, as relações de gênero e familiares, o cotidiano, as formas de lazer e sociabilidade dos trabalhadores entram na agenda de pesquisa dos profissionais que se dedicaram a fazer a história do trabalho no Brasil.

Segundo Fernando Teixeira ainda nessa terceira vertente começa-se uma preocupação com os tidos como desclassificados sociais: “ainda nesse capítulo de alargamento de horizontes, surgiram interrogações sobre as experiências dos trabalhadores e dos grupos socialmente marginalizados a partir de problemas que extrapolavam o foco exclusivo na

⁴⁴ Ver, entre outros: FORTES, A. Como era gostoso meu pão francês: a greve dos padeiros de Porto Alegre (1933-1934). Porto Alegre, *Anos 90*, n. 7, 1997. ; CRUZ, M. C. V. e. *Virando o jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

constituição da classe e suas formas de luta”.⁴⁵ Dessa forma, Pobres em geral, trabalhadores, mas também “desclassificados sociais”, excluídos e marginalizados, tais como criminosos, prostitutas e loucos passaram todos a povoar as pesquisas acadêmicas. Outros estudos centraram na possibilidade de perceber clivagens e conflitos no interior da classe operária, houve também a necessidade de uma atenção ao estudo do gênero em particular atenção a ação das mulheres operárias. Observa-se nessa virada analítica uma grande ampliação das perspectivas de trabalho.

Nessa esteira do desenvolvimento da historiografia do trabalho, podemos citar autores que fazem parte da nova geração de historiadores do movimento operário, dela fazem parte: Alexandre Fortes, Antonio Negro, Fernando Teixeira da Silva, Paulo Fontes, Hélio da Costa entre outros tantos. Autores que tiveram algo de similar que foi a formação na UNICAMP, esses fizeram promissores estudos sobre o mundo do trabalho.

Hélio da Costa em sua obra⁴⁶ se debruça sobre o período imediato do pós- guerra no Brasil, verifica o mundo dos trabalhadores através de pesquisa documental e diversas entrevistas. O objetivo do autor é ilustrar uma classe operária atuante, criativa e madura-contrariando as interpretações anteriores. Hélio, em sua abordagem, dedica-se a estudar a participação e atuação dos trabalhadores nos movimentos grevistas, nas comissões de fábrica e nas lutas internas nas fábricas, assim ele visa mostrar os trabalhadores como verdadeiros sujeitos históricos. Uma virtude de sua obra é no tocante aos estudos sobre o sindicato no período estudado. No estudo os sindicatos aparecem como instituições muito mais complexas diferentemente do que a historiografia que se debruça sobre a temática aceita.

Segundo Michael Hall, uma das maiores contribuições do livro de Hélio é demonstrar como os trabalhadores usaram com considerável efeito a própria lei como campo de luta. A proposição de Hélio é a seguinte é necessário nuançar a relação classe trabalhadora- sindicato no pós – 1930 a partir da legislação feita. Segundo ele não se pode entender essa fase como início de uma etapa, na qual o Estado assume o controle das relações trabalhistas e se tem uma abdicação da classe trabalhadora de seus princípios classistas.

Ainda conforme o autor:

⁴⁵ "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980" de Sidney Chalhou e Fernando Teixeira da Silva e publicado nos Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.p.41.

⁴⁶ COSTA, Hélio da. Em busca da Memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Editora: Scritta, 1995.

Se por um lado a intervenção do Estado implicou o estabelecimento de limites (nada desprezíveis) ao campo da atuação sindical, serviu de campo de mediação de conflitos e fonte legitimadora do poder da classe dominante, por outro lado, não se pode afirmar que tais limites impediram qualquer avanço organizativo das classes trabalhadoras e que tal avanço não se constitui em fonte legítima da expressão da classe.⁴⁷

Hélio procura demonstrar ao longo das páginas de seu livro que o período estudado foi marcado por lutas que estavam enraizadas nos locais de trabalho e à medida que a conjuntura política da época abria brechas, as lutas tomavam forma de reivindicação de uma massa expressiva. Assim, ele conclui “nesse sentido, a fábrica, as ruas e os sindicatos não foram espaços excludentes da luta operária”.⁴⁸

Outro trabalho feito na esteira do desenvolvimento da historiografia do trabalho que se pode ilustrar aqui é o de Paulo Fontes.⁴⁹ Nele o autor procura relacionar a história dos operários com a própria trajetória da empresa, ilustra como nas fissuras e ambiguidades do sistema de dominação empresarial, os trabalhadores conseguiram desenvolver uma forte cultura fabril assim como uma tradição sindical e de militância política entre os trabalhadores da própria fábrica. Dessa forma, tornou-se objeto de estudo nesse livro o sindicato operário e suas lutas, em particular a greve acontecida, em 1957.

Influenciado pelas novas tendências da historiografia, a análise de Paulo Fontes torna-se rica por adotar as novas perspectivas da história social do trabalho, em particular as Influências de Thompson. Com isso, para além do mundo fabril são buscadas as relações vividas pelos trabalhadores, tanto no processo migratório sofrido pelos trabalhadores no caso estudado, como também buscou-se perceber a experiência de vida desses operários no espaço urbano de moradia e na vida cotidiana no bairro.

Outro trabalho de relevância que pode ser citado é o realizado por José Ricardo Ramalho⁵⁰, no qual o autor analisa a antiga Fábrica Nacional de Motores, localizada no Rio de Janeiro, especificamente no município de Caxias, Baixada Fluminense. Ramalho procura, através da história social dos operários da fábrica, desvendar a história recente da classe trabalhadora brasileira.

⁴⁷ COSTA, Hélio da. *Em busca da Memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Editora: Scritta, 1995.p.6

⁴⁸ COSTA, Hélio da. *Em busca da Memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Editora: Scritta, 1995.p.203.

⁴⁹ FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: AnnaBlume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo, 1997.

⁵⁰ RAMALHO, José Ricardo. *Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

A fábrica Nacional de Motores é um exemplo de grande empreendimento industrial que modificou o espaço da Baixada Fluminense. Para sua instalação em 1942, um projeto de saneamento das terras fluminenses precisou ser realizado. Ela foi inaugurada nos marcos da economia de guerra e foi pensada como uma produtora de motores de avião. Terminada a guerra, o produto produzido tornara-se obsoleto e as instalações da fábrica foram modificadas com o propósito de produzir tratores. Em 1948, a FNM fecha contrato com uma empresa italiana e passa a se dedicar à fabricação e montagem de caminhões.

A fábrica passa por inúmeras fases, José Ricardo sempre atento a elas percebe as nuances da relação entre os trabalhadores e a fábrica, no decorrer dos anos. Assim, ao longo de seu livro o autor procura mostrar a complexidade das relações sociais que envolviam os trabalhadores e o Estado Patrão, nas diversas conjunturas pelas quais passou a fábrica. Torna-se interessante a leitura da obra por conta de ser um dos primeiros empreendimentos industriais que teve efeitos diretos no espaço urbano da Baixada Fluminense. E também pelo fato da extinta FNM ter sido “uma das responsáveis pelo primeiro dos dois saltos expressivos na expansão da atividade industrial de Duque de Caxias, no período compreendido entre 1952-1967”.⁵¹

Como demonstrado, ao longo do trabalho, às conquistas do campo de história social do trabalho foram muitas, ocorreram ganhos na quantidade e na qualidade dos trabalhos produzidos. Naturalmente o reflexo disso pode-se ver: nas publicações de qualidade, na diversidade dos temas abordados, na construção de espaços institucionais e acadêmicos para a história do trabalho. Claudio H. M Batalha em artigo que pretende investigar os desafios atuais da história do trabalho,⁵² observa que a história do trabalho passou por um processo de ampliação no que diz respeito aos temas e de abertura no que diz respeito às abordagens e enfoques. “Essas mudanças possibilitaram seu retorno ao primeiro plano da produção acadêmica, fugindo ao ostracismo a que fora relegada e contrariando as previsões de sua morte anunciada nos anos 1990”.⁵³

⁵¹ Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.p.58.

⁵² BATALHA, Claudio H. M. - Os Desafios Atuais da História do Trabalho Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.87-104, jan./dez. 2006.

⁵³ BATALHA, Claudio H. M. - Os Desafios Atuais da História do Trabalho Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p.90.

Pode-se concluir e enumerar algumas evoluções de acordo com o que foi exposto até aqui no trabalho. No tocante aos limites cronológicos ocorreu uma ampliação nos anos 1990 com relação aos períodos precedentes, ocorreu também uma considerável ampliação do recorte geográfico adotado na história do trabalho, novos trabalhos foram feitos saindo do eixo tradicional Rio- São Paulo e - principalmente o surgimento de trabalhos que colocam os trabalhadores como atores legítimos da história.

Atualmente, como importante espaço institucional para a história do trabalho pode ser citada: a constituição do Grupo de Trabalho (GT) “Mundos do Trabalho” que tornou-se um ambiente de discussões enriquecedoras para a temática. O grupo é um espaço de intercâmbio entre pesquisadores e ele não se limita aos encontros da ANPUH, mas tem caráter permanente, através de uma lista de discussão e de encontros estaduais e regionais exclusivos do GT. Segundo Batalha “Ainda que seja difícil avaliar com precisão seu peso exato, parece-me que esse GT tem desempenhado um papel não negligenciável no estímulo às pesquisas na área”.⁵⁴

O objetivo do trabalho nesse primeiro capítulo foi ilustrar o caminho da historiografia do trabalho no Brasil, é evidente que alguns trabalhos importantes foram negligenciados e a produção é bastante variada. No entanto, um breve balanço da evolução da produção historiográfica dedicada aos estudos dos trabalhadores no Brasil foi feito apesar de algumas limitações.

⁵⁴ BATALHA, Claudio H. M. - Os Desafios Atuais da História do Trabalho Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p.92.

Capítulo II

Contexto da instalação e histórico da Bayer na região

O segundo capítulo tem como meta exemplificar o histórico da Bayer na região, e nesse sentido a nossa narrativa é pautada em responder alguns pontos dentre os quais podemos destacar: a) em qual contexto a empresa se insere e quais foram as causas preponderantes para sua instalação na localidade, b) Como seria a cidade de Nova Iguaçu e, principalmente, o distrito de Belford Roxo naquele momento da implantação da indústria química? c) Como teria sido a experiência da Vila Operária da Bayer? d) Quais foram as transformações da empresa ao longo dos anos e sua imediata implicação na relação com os seus colaboradores? Para a realização do objetivo é importante ao longo do texto fazer um histórico da região, apontar a importância da instalação da Bayer no panorama de industrialização nacional e de urbanização local, nos anos 50, demonstrar o resultado dos processos de transformação tecnológica e gerencial para os trabalhadores.

A Bayer objeto de nosso estudo, uma multinacional de origem alemã que se constituiu em uma das maiores indústrias do mundo no ramo químico, está presente no Brasil desde os períodos iniciais da república brasileira. No ano de 1896, já se encontrava em nosso território a primeira representante dos produtos da empresa no país, sua participação na região da Baixada Fluminense, ocorreu muito antes de sua instalação em 1958, em Belford Roxo, que à época era um simples Distrito de Nova Iguaçu. Cabe aqui revelar sua atuação na localidade.

Atualmente, a Baixada Fluminense vem demonstrando um potencial econômico muito grande, destaca-se a sua proximidade do centro do Rio de Janeiro que propiciou no século XIX e até a metade do XX o cultivo de frutas cítricas visando à exportação pelo porto do Rio. A cidade de Nova Iguaçu notabilizou-se pela produção da laranja que teve seu auge em 1930, a citricultura deu um novo impulso à região, podemos visualizar isso na reportagem de um jornal da época:

Nesta cidade e no resto do Estado do Rio de Janeiro, as laranjas crescem de forma admirável e há poucas propriedades rurais ou mesmo jardins residenciais nos quais não se vê um considerável número de laranjeiras completamente cobertas de frutos, os quais, por falta de compradores, caem apodrecendo no solo em total abandono.⁵⁵

⁵⁵ Jornal A lavoura, Rio de Janeiro, p.2, 2 jun. 1900.

Como a reportagem relata, a produção era grande e o mercado interno não foi suficiente para absorvê-la, a alternativa a esse fato se deu no direcionamento das laranjas ao mercado externo. No governo de Nilo Peçanha, teve-se um impulso para a transformação do cultivo e venda da laranja, dentre suas medidas salienta-se: a redução das taxas aduaneiras e no ano de 1909 a assinatura de um tratado de reciprocidade de isenção de taxas no comércio de frutas entre o Brasil e Argentina.⁵⁶ Com essas medidas o mercado internacional se abria à laranja nacional e com esse cenário a produção foi estimulada. Paralelo a isso, a ferrovia Pedro II, garantia o escoamento dos produtos agrícolas da localidade e as grandes obras de saneamento implantadas na Baixada Fluminense ajudaram a valorizar as terras cultiváveis da região.

A Bayer chegou à Baixada Fluminense nos primeiros anos do século XX, ainda quando a cidade de Nova Iguaçu continha contornos rurais, sua atuação ocorreu de forma indireta através D´A Chimica Bayer que levou à região seus produtos para tratamentos dos pomares cítricos. Controlando não só a leprose, mas também outras doenças como verrugose e a melanose.⁵⁷ A empresa teve sua atuação pautada no auxílio aos produtores de laranja, usou os almanaques e os panfletos para divulgação de seus produtos. Os panfletos orientavam os produtores para o tratamento de seus pomares, alguns diziam “sem tratamento do pomar não há lucro em citricultura”.⁵⁸

Apesar de inúmeras doenças, a produção de citros vigorou em Nova Iguaçu que se tornara um polo produtor de laranja no Brasil, devido às condições do clima e solo específicos da Baixada Fluminense.⁵⁹ No período entre 1930 e 1939, Nova Iguaçu produzia muitas laranjas, a exportação do produto para Europa estava em alta, a atividade ocupava inúmeras famílias que trabalhavam nos diversos processos da produção. A economia local era baseada na produção e venda das laranjas, isso era perceptível pela quantidade de pomares e chácaras que se dedicavam a essa cultura na região. Além disso, Nova Iguaçu (sua área central) tornou-se ao longo do tempo um posto de concentração, beneficiamento e exportador (graças à presença da ferrovia) da produção citrícola praticada em suas terras, que ocorria em várias localidades como: Belford Roxo, Queimados, Japeri, São João de Meriti, Mesquita e

⁵⁶ CARVALHO, Iracema Baroni. Laranjas brasileiras. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.45.

⁵⁷ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.49.

⁵⁸ GUIA BAYER: Nas publicações em citricultura, Rio de Janeiro. 1934.

⁵⁹ CARVALHO, Iracema Baroni. Laranjas brasileiras. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.50.

Nilópolis.⁶⁰ Segundo Maria Aparecida de Figueiredo o período áureo de produtividade da laranja na Baixada proporcionou um novo olhar por parte do estado para a região, dessa forma:

Em decorrência do período econômico favorável houveram investimentos públicos direcionados para a área, com a expansão do sistema de transporte na abertura de rodovias no final da década de 20 do século XX, como as: Rodovia Washington Luiz, a antiga Rio - São Paulo, a Avenida Automóvel Clube; expansão da rede elétrica; implantação do programa de saneamento da Baixada (elaborado pelo governo de Getúlio Vargas, em 1934) visando solucionar problemas que sempre assolam, possibilitando desenvolvimento dos transportes e ocupação de terras; além da eletrificação da ferrovia ramal Central do Brasil – Japeri em 1938 até Nova Iguaçu, atingindo Japeri em 1943.⁶¹

Nessa esteira de um novo olhar para a região que se pode citar um grande empreendimento industrial implantado na região fluminense: A fábrica Nacional de Motores, para colocar o projeto da fábrica de motores em prática foi feito um grande investimento em saneamento na área. Segundo José Ricardo Ramalho, estudioso da história da fábrica o porquê da escolha da Baixada Fluminense como local do empreendimento deve-se as noções de progresso da época, e nesse sentido vencer os desafios que a natureza colocava ao homem naquela região de muitos pântanos e de uma insalubridade enorme era de vital importância, “civilizar” o que não era “civilizado”. E também estava nos planos do presidente Vargas dar um status industrial a região, fazer mesmo um investimento na localidade que imputava realidades desafiadoras ao humano e ao desenvolvimento industrial. Ainda segundo José Ricardo “O projeto da FNM se enquadrava no discurso ideológico da época, que se propunha a ‘reconquistar’ o Brasil e levar os ‘progressos’ da ciência para o interior”.⁶²

2.1 Declínio da citricultura, urbanização e industrialização da região

Entretanto apesar dos fatores positivos da citricultura, alguns produtores negligenciaram no tratamento de seus pomares com isso eles sofreram com doenças e pragas. Desanimados com o insucesso de seus pomares, esses venderam suas propriedades para loteadores que subdividiram as propriedades em áreas menores, algumas continuaram com o

⁶⁰ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re)produção do espaço da Baixada fluminense. Revista geopaisagem (online), Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm>>. Acesso em: 12 set. 2011.

⁶¹ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re)produção do espaço da Baixada fluminense. Revista geopaisagem (online), Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm>>. Acesso em: 12 set. 2011.

⁶² RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.31.

cultivo de citros.⁶³ Com o crescimento do número de chácaras e sítios houve a necessidade de contratar mão-de-obra, com um maior fluxo de pessoas e aumento das propriedades. Assim Nova Iguaçu tornara-se também um local de moradia, o reflexo disso pode ser visto no número de sua população que cresceu rapidamente.

Apesar do pleno desenvolvimento da área, a partir do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, a região de Nova Iguaçu começa a sentir inúmeras dificuldades para manter o sucesso do empreendimento do cultivo de citros. Segundo Allen Dupré dentre vários fatores, o autor destaca:

Os principais foram: superprodução gerada por questões cambiais e de infraestrutura, oscilações dos preços das laranjas no mercado externo, incapacidade dos produtores em erradicar pragas e doenças que se abateram sobre os laranjais por ocasião da superprodução, aumento dos combustíveis e dos fretes rodoviários e ferroviários e, por fim, o fechamento do mercado europeu devido à guerra e, de outro, ao bloqueio naval alemão aos navios frigoríficos que vinham da Europa.⁶⁴

Com o mercado externo fechado e inúmeras dificuldades que se apresentavam naquele momento, o negócio começou a declinar, para piorar a situação inicia-se a concorrência com a região de Limeira que despontava como grande produtora e abastecedora do mercado paulista. Diante desse cenário complicado, as frutas da região de Nova Iguaçu não conseguiam espaço para serem vendidas, em consequência, passaram a apodrecer nos pés, disseminando pragas e novas doenças nos frutos. Alguns produtores tentaram formas de reaver o prejuízo e fizeram tentativas de diversificar a produção, cultivando bananas e hortaliças, outros partiram para uma nova empreitada e destinaram suas chácaras ao mercado imobiliário.⁶⁵

O declínio da citricultura gerou reflexos negativos na área, a partir desse declínio a região da baixada passa por uma transformação de seu espaço. Um motivo preponderante que atingiu a área pode ser verificado no envolvimento da Europa no conflito mundial, com esse continente envolvido na 2ª guerra as exportações brasileiras foram prejudicadas, isso foi um duro golpe e explica em parte a decadência e o fim do ciclo da laranja.

Segundo Aparecida de Figueiredo o cenário de dificuldades teria impedido a permanência do ciclo da laranja na região, desse modo, ela descreve os últimos suspiros dessa fase:

⁶³ SANTOS, Ruth Lyra. Notas sobre a ocupação humana da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. p.23.

⁶⁴ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.49.

⁶⁵ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.50.

Diante de tal conjuntura os citricultores vivenciaram extremas dificuldades vinculadas à falta de mercado consumidor; transporte ineficiente e de alto custo; endividamento; estado precário dos pomares e abandono da limpeza e tratamento dos laranjais associado ao seu baixo rendimento, que com o lucro obtido não cobria as despesas nem o aumento crescente da mão-de-obra utilizada, que via nas indústrias instaladas no Rio de Janeiro um grande atrativo; e para encerrar em definitivo o cultivo da laranja, aqueles citricultores que lutaram e resistiram à crise mantendo seus pomares em boas condições, foram proibidos de exportar o produto numa atitude do governo de atender ao mercado interno.⁶⁶

A partir dessa conjuntura, finaliza-se o ciclo da laranja, inicia-se o processo de transformação do espaço antes rural da Baixada Fluminense em espaço “urbano”. Terras e chácaras que abrigavam as plantações são partidas e transformadas em lotes residenciais. Segundo Allen Dupré “por volta de 1960, a laranja havia praticamente desaparecido de toda a planície de Nova Iguaçu, que já se encontrava quase totalmente loteada”.⁶⁷ O caráter rural do município foi sendo perdido aos poucos, e ao passar do tempo a região ganhou contornos de área urbana. Dessa maneira, estavam instaladas as condições para a sua industrialização, grande impulso pode ser notado a partir da proximidade da rodovia Presidente Dutra (BR 116), essa foi liberada para o tráfego a partir de 1951.

Nas linhas a seguir tratar-se-á do processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense, um exercício importante para demonstrar que a Bayer teve sua implantação na região por conta de uma conjuntura que vivia a cidade do Rio de Janeiro e a região da Baixada Fluminense.

Segundo Adriano Oliveira Rodrigues nos anos 40, o final da citricultura em Nova Iguaçu foi contemporâneo ao processo de industrialização e urbanização do Brasil, que no contexto fluminense era concentrado na cidade do Rio de Janeiro, que naquela época vivia seu momento como capital do país. Esse processo passou por uma reestruturação do Parque industrial do Rio de Janeiro que gerou reflexos no direcionamento de novos investimentos fabris para a periferia. No seu trabalho Adriano procura analisar este fenômeno, assim, segundo ele, “ao longo dos anos 40 e 50, esse processo foi se intensificando e as novas

⁶⁶ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re)produção do espaço da Baixada fluminense. Revista geopaisagem (online), Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm>>. Acesso em: 12 set. 2011.

⁶⁷ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.49.

indústrias passaram a extrapolar os limites da capital em direção à Baixada Fluminense, seguindo o curso, sobretudo, da Avenida Brasil e da Rodovia Presidente Dutra”.⁶⁸

O crescimento industrial da região atraiu um contingente populacional muito grande, não só do estado como também de várias regiões do país. Ao longo dos anos 40 e 50 a região sudeste passou a ter grandes ondas migratórias, ao modo que após 1930 e a 2º guerra mundial o sudeste brasileiro vivenciou surtos de industrialização e urbanização. Essa modificação do espaço urbano, por conta da industrialização, vinha acompanhada de novos postos de trabalhos e alguma melhora no nível de vida, isso fez com que pessoas do nordeste brasileiro que sofriam com as secas migrassem para a região sudeste do Brasil.

Os migrantes recém chegados que seguiam para a cidade do Rio de Janeiro encontravam dificuldades, pois a modernização do centro do Rio de Janeiro e áreas próximas expulsava pessoas pobres que quisessem fixar moradia nessa parte da cidade. Diante disso, percebemos um volume populacional muito grande necessitando de uma moradia, logo o destino mais próximo foi a Baixada Fluminense. A escolha da região está ligada a proximidade da cidade do Rio de Janeiro, assim como, a presença de ferrovias recém eletrificadas que ligavam a região ao centro da cidade, isso por uma tarifa única de trem.⁶⁹ Além disso, não se pode esquecer de que os lotes de terras na Baixada Fluminense são muito mais acessíveis se comparados aos do Rio de Janeiro.

Nesse processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu exerceu um papel de centralidade em relação aos demais municípios. A maneira em que a cidade estruturou sua rede própria de comércio e serviços, conforme o trabalho de Adriano chama a atenção:

“enquanto os demais municípios da região restringiam - se a cidades dormitórios, Nova Iguaçu (e também Duque de Caxias), era além de cidade-satélite, pois parte de sua população mantinha uma relação pendular com a cidade do Rio de Janeiro, uma cidade industrial, que desempenhava múltiplas funções no seio da Baixada, com relativa autonomia em relação à capital fluminense”.⁷⁰

⁶⁸ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3856. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2011.

⁶⁹ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3857. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2011.

⁷⁰MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3857.Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2011.

Como visto, a cidade de Nova Iguaçu assume um papel de destaque no processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense. Dentre tantos fatores podemos citar: proximidade à cidade do Rio de Janeiro, facilidade na compra dos lotes de terra para futuras construções, a cidade possuir serviços para uma população urbana e a introdução da Rodovia Presidente Dutra, em 1951. Este último fator levou a modificação do espaço, dessa forma percebe-se um aumento no número de construções que estariam ligadas ao surto imobiliário da região e ao processo de autoconstrução, no qual, trabalhadores pobres organizavam-se geralmente nos finais de semana e iniciavam o processo de construção de suas moradias. Desse modo, Nova Iguaçu apresentou um crescimento urbano considerável, entretanto, esses sucessivos loteamentos e verticalização de sua área central não vieram acompanhados de um projeto que desse conta da infra estrutura necessária para o crescimento urbano adequado da localidade.

Com o declínio da citricultura alguns municípios como: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, os três últimos recém emancipados, buscavam se reerguer e se utilizaram de sua localização estratégica perante a cidade do Rio de Janeiro para conseguir o desenvolvimento de suas áreas. Para isso, adotaram políticas de isenções fiscais a fim de atrair investimentos industriais para seus territórios.⁷¹ Com tal iniciativa, ao longo dos anos 40 e 50, percebe-se a presença de muitas indústrias de médio e longo porte nos subúrbios do Rio de Janeiro. Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis se emanciparam de Nova Iguaçu na década de 40, pois, a prefeitura iguaçuana acabava se fazendo pouco presente nos três distritos mencionados. Isso acabou gerando desejos emancipacionistas dos distritos e a segunda onda de desmembramento do município de Nova Iguaçu ocorreu em 1990. Conforme Adriano orienta, a segunda leva de emancipações deveu-se “a reafirmação da política de investimentos seletivos da prefeitura, no decorrer do século XX, dentre outros fatores, favoreceu novamente a formação de uma ‘consciência emancipacionista’ em outros quatro distritos iguaçuanos: Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita, resultando de fato, na emancipação dos mesmos”.⁷²

⁷¹ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3859.Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf> . Acesso em: 16 ago. 2011.

⁷² MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3859.Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf> . Acesso em: 16 ago. 2011.

Segundo Carlos Lessa evento importante que ajudou na industrialização da Baixada Fluminense foi a inauguração da Avenida Brasil em 1940, com ela algumas modificações ocorreram:

A inauguração da Avenida Brasil em 1940, somada à instituição da tarifa ferroviária única e aos subsídios concedidos a essa mesma tarifa, aceleraram consideravelmente o crescimento dos municípios da Baixada. Ainda a referida avenida figurou-se como um fator de realocação industrial que direcionou para a Baixada as indústrias fluminenses, de forma que nos anos 50, as proporções industriais de Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias e São João de Meriti superavam o Rio.⁷³

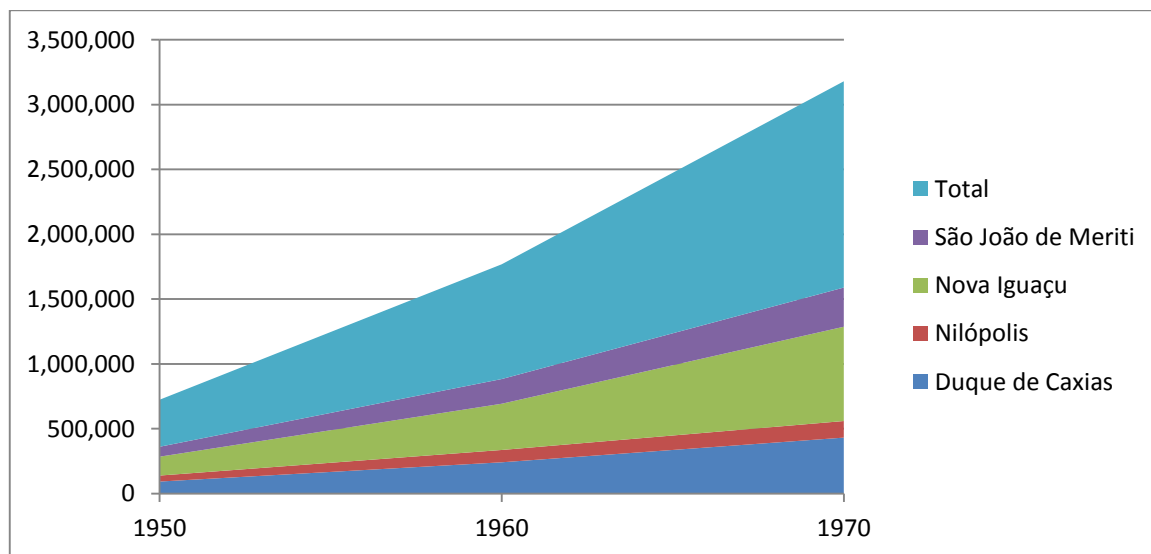
O período entre 1940 e 1960 caracterizou-se por um acentuado crescimento urbano e também de uma evolução do quadro da industrialização no Brasil e do estado do Rio de Janeiro. Por consequência disso, na esteira desse cenário pode-se verificar no censo demográfico do IBGE o crescimento populacional nos municípios da baixada, como se vê na tabela 1.

Tabela 1
População na Baixada Fluminense

Município	1950	1960	1970
Duque de Caxias	92.459	241.026	431.397
Nilópolis	46.406	95.111	128.011
Nova Iguaçu	145.649	356.645	727.140
São João de Meriti	76.462	190.516	302.394

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1950, 1960 e 1970

Gráfico sobre a evolução populacional dos municípios da Baixada Fluminense 1950 1970



⁷³ LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.p.101.

Como se vê a industrialização da segunda metade do século XX atraiu um número alto de migrantes para a capital, sendo que os preços altos dos terrenos faziam com que a cidade do Rio de Janeiro não conseguisse absorver todo esse número de imigrantes, que destarte, eram impelidos a se encaminhar a áreas periféricas, nas quais a oferta de terra era melhor. Essa região era a Baixada Fluminense que estava se encaixando nesse modelo de transformação urbano - industrial.

De acordo com a tabela, a partir dos anos 1950, o processo de industrialização vivido nessa época gerou repercussões urbanas e regionais. Ondas migratórias que tinha como destino se instalar em regiões metropolitanas, como as do Rio de Janeiro e São Paulo, modificavam a dinâmica das regiões. No caso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, estudos têm demonstrado que boa parte do contingente populacional, pertencente às ondas migratórias, veio se instalar na Baixada Fluminense. Segundo Sebastião Raulino Fernandes “essa população migrante teria formado a base do operariado das indústrias que se instalavam na região e de todas as atividades econômicas que surgiram ao seu redor, inclusive da REDUC e da Bayer”.⁷⁴

Com efeito, a Baixada vivencia nessa época uma das maiores expansões demográficas da região metropolitana e do Brasil. Desta maneira, possui um número significativo de pessoas aptas a trabalhar no universo industrial. A título de ilustração, em Nova Iguaçu, havia importantes estabelecimentos industriais que serviam como polo de indução de trabalhadores, dentre eles podemos citar: a Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A., Cia. Dirce Industrial, Cia. Mercantil e Industrial Ingá, Cia. de Canetas Compactor, Forjas Brasileiras S.A., Indústrias Granfino S.A., S. A. Marvin (parafusos e pregos), Rupturis S.A. (explosivos), USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A., Fábrica de Tecidos Cachambi, e Fábrica de Cigarros Souza Cruz.⁷⁵

Acerca do crescimento urbano e industrial em Nova Iguaçu, Adriano Oliveira mostra o seguinte:

A urbanização e a industrialização de Nova Iguaçu resultou do processo de mesma natureza ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, a partir dos anos 30 e 40. Isso porque a expansão industrial e a efetiva ocupação urbana de Nova Iguaçu decorreram do extrapolamento e re-direcionamento do crescimento econômico e populacional do

⁷⁴ Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.p.58

⁷⁵ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3894.Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%20A3o2039/72A.pdf>. Acesso em : 20 ago. 2011.

Rio de Janeiro, àquela época capital brasileira, para além de suas fronteiras, seguindo as margens da Rodovia Presidente Dutra e da Avenida Brasil, isto é, em direção à Baixada Fluminense. Some-se a isso ainda, a política de isenções fiscais adotada pela prefeitura de Nova Iguaçu. O resultado foi, até os anos 50, a instalação de inúmeras indústrias alimentícias materiais de construção naquele município, cuja produção atendia sobre tudo o mercado local. Houve também um expressivo crescimento populacional desencadeado pela entrada de migrantes em Nova Iguaçu e demais municípios da Baixada. Eles buscavam melhores condições de vida na cidade do Rio de Janeiro e fixavam residência na Baixada por esta ser a periferia mais próxima, onde os lotes tinham preços acessíveis e o acesso era facilitado pelas ferrovias recém-eletrificadas. Os reflexos deste surto populacional podem ser verificados no elevado número de loteamentos aprovados na Baixada como um todo àquela época.⁷⁶

Como bem descreveu o autor, Nova Iguaçu, deixara de ter um espaço rural para se ter um ambiente urbano, no qual a demografia da população crescia devido à vinda de imigrantes e pela relativa facilidade na compra dos lotes que se multiplicavam. Assim como, a instalação de inúmeras indústrias na localidade por conta dos incentivos fiscais concedidos pela prefeitura e também pela melhoria no sistema de transporte de mercadorias via Rodovia Presidente Dutra. Esse era o contexto no qual a Baixada vivia no momento de implantação da Bayer, na localidade. Pode-se dizer que a empresa vai se instalar numa região que passava por um processo de industrialização, crescimento urbano e aumento nas desigualdades. Pois, o crescimento urbano e industrial não significou melhorias significativas no nível de vida de grande parte da população que habitava essa região. À maneira que “o crescimento populacional foi acompanhado pela ausência de infra-estrutura sanitária e pelo uso predatório, deixando como legado a degradação ambiental e formação de estruturas clientelistas típicas organização sócio-espacial das cidades brasileiras”.⁷⁷

O que se demonstrou até aqui foi o contexto local, na qual a Bayer se insere. Nas linhas seguintes tratar-se-á da empresa pesquisada no contexto da industrialização brasileira. A instalação da Bayer ocorreu no dia 10 de junho de 1958, o complexo industrial foi inaugurado festivamente, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, do governador do Rio de Janeiro, Miguel Couto Jr entre outras autoridades, e do Prof. DR. Ulrich Haberland.

A inauguração do novo conjunto de fábricas da Bayer em Belford Roxo é vista como um importante acontecimento para a indústria brasileira. Segundo Raulino Fernandes a

⁷⁶ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3894.Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%20A3o2039/72A.pdf> . Acesso em: 20 ago. 2011.

⁷⁷ OLIVEIRA, Alberto de; RODRIGUES, Adriano O. Industrialização na periferia da região metropolitana do rio de janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Económico, volumen 12, No. 24 (Edición especial), pp. 127-143 -ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colômbia. p.131.

implantação da Bayer e da REDUC “se deu num período de grande expansão da atividade industrial no país e de um elevado crescimento econômico, quando se implementava o plano de metas do Presidente Juscelino Kubitschek (1956 -1961)”.⁷⁸ Torna-se interessante revelar os rumos que a política Juscelinista tomou naquele momento para alavancar o crescimento industrial e situar a Bayer neste contexto, como também, ilustrar o redirecionamento da ação estatal nesse período.

No governo de Getúlio Vargas, inicia-se a fase da industrialização por substituição de importações, com isso o Brasil ganhava os seus primeiros contornos industriais. No final dos anos 40, algumas áreas industriais de bens perecíveis e semiduráveis já se encontravam evoluídas, em destaque podemos citar: bebidas, fumo, têxteis, vestuário, couro e peles, gráfica e editoração, madeira e móveis.⁷⁹ Em termos sintéticos o modelo de substituições de importações adotado no pós -30 resultava na tentativa de diminuir as importações e tentar produzir o produto internamente. No momento em que as grandes economias estavam em crise, criava-se então as brechas necessárias para produzir o similar nacional.

Ainda no governo de Vargas foi estabelecida a política do nacional - estatismo modelo utilizado por países emergentes que através de brechas do capitalismo tentam um desenvolvimento mais autônomo. No nacional - estatismo o estado é o autor, distribuidor e o investidor econômico, esse modelo era voltado para um desenvolvimento autônomo e de um estado forte. Pela ação do estado o intuito era desenvolver o país e diminuir a vulnerabilidade econômica.

No Brasil, nesse período, boa parte das indústrias que se desenvolveram teve uma restrição, porque o capital que financiava o desenvolvimento das indústrias vinha da atividade agroexportadora. Segundo Sônia Regina Mendonça o desenvolvimento industrial ficava à sombra da economia agroexportadora, esse processo ficou conhecido como industrialização restringida e o limite do avanço dessa industrialização está ligado ao capital que vinha da produção do café.⁸⁰

A política industrial de 1930/1945 é caracterizada pelo estado brasileiro que financia e investe diretamente nas indústrias de insumos básicos. A indústria passa a liderar o

⁷⁸ Raulino, Sebastião Fernandes. *Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.p.59.

⁷⁹ DUPRÉ, Allen. *Bayer Belford Roxo 50 anos*. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.53

⁸⁰ MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no período 1930-1955*. In. MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.p.56.

crescimento econômico e avança substituindo importações. A industrialização é baseada na empresa nacional (estado empresário), desenvolvimento calcado no capitalismo nacional, entretanto fazer o desenvolvimento baseado no capitalismo nacional, não significa dizer que o capital estrangeiro vai ser ignorado, podemos citar como um grande símbolo da era Vargas a CSN. Conforme Francisco de Oliveira o estado cria as bases para acumulação capitalista no Brasil, essa calcada na indústria.⁸¹

Na década de 1950, o diagnóstico feito foi que o subdesenvolvimento brasileiro era resultante de um ritmo mais lento de crescimento econômico, a solução encontrada pelo governo de Juscelino Kubtich era a aceleração do ritmo de crescimento econômico. Para isso, JK adotou um modelo de desenvolvimento voltado para a realização de um crescimento econômico acelerado com o objetivo de diminuir a distância do nível de industrialização e renda em relação aos países desenvolvidos.⁸²

O papel do estado nesse processo é modificado, ele passa a ser “indutor” sinalizando os rumos da economia e direcionando os investimentos. Juscelino substituiu o Nacionalismo Getulista pelo Nacional desenvolvimentismo política econômica que tratava de combinar o estado, empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento com ênfase na industrialização.⁸³

Essa reorientação do papel do estado na economia visava alguns objetivos: plano econômico – promover o crescimento da economia (indústria de bens duráveis), plano social – criação de empregos e elevação do nível da população, plano político – estabilidade política e garantia das liberdades democráticas. O principal motivo desses empreendimentos era se aproximar aos países desenvolvidos no que tange à industrialização, nível de empregos e condições de vida da população.

É no governo de Juscelino que podemos verificar o auge da industrialização brasileira, ela planejada no plano de metas – 50 anos em 5-. O objetivo desse plano era estabelecer as bases de uma economia industrial madura, alguns setores ganharam investimentos: energia, transportes, indústrias de base, bens intermediários e bens de consumo duráveis. Os principais pontos do plano de metas: 1- investimentos estatais em infraestrutura, 2- estímulo ao aumento da produção de bens internos, 3- incentivo à produção dos setores de consumo duráveis e de

⁸¹ OLIVEIRA, Francisco. *A economia da dependência imperfeita*, Rio de Janeiro, Graal, 1977, p.78.

⁸² IANNI, Octavio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.p.142.

⁸³ ORENSTEIN, Luiz. *Democracia com desenvolvimento: 1956-1961* In: ABREU, Marcelo P. *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.p.177.

capital. A indústria automobilística nesse período sofre um grande avanço e com ela cresce também o mercado de autopeças.

Na Gestão Juscelinista uma das principais questões que se colocavam para o debate era a natureza do financiamento do desenvolvimento da atividade industrial. O estado, nesse período, aparece como um gestor da economia e vai direcionar os investimentos. Desse modo, a partir de um tripé a organização econômica ficou assim: capital estrangeiro – bens de consumo, capital privado nacional – bens de produção e capital estatal – setor um. O estado vai exercer o papel de articulador para que não haja conflito, articulando onde seria a área de atuação de cada um.

O governo oferece ao capital estrangeiro mão-de-obra barata, atrai o capital estrangeiro através da não cobertura cambial, dessa forma os lucros vão ser carreados para fora do Brasil. Os principais instrumentos de financiamento do plano eram: investimentos estatais, crédito a juros básicos e incentivos para investimentos estrangeiros. O problema ficou por conta do investimento (emissão monetária) que resultou em deterioração do saldo em transações correntes e crescimento da dívida externa.

Salienta-se o fato de que Juscelino passa para o seu sucessor uma economia bem maior e mais desenvolvida, muda a base de produção do Brasil. A intenção do trabalho até aqui não é fazer um debate historiográfico acerca das opções da política econômica Juscelinista tão quanto a do período de Vargas. O objetivo é demonstrar que ocorreu uma mudança do papel do estado e que nessa esteira houve um desenvolvimento industrial significativo. Segundo Octavio Ianni a atuação governamental visava uma melhora na economia e dessa forma, o autor entende que:

A ação governamental, em seu conjunto, deveria criar melhores condições econômicas, financeiras, sociais e políticas para o florescimento da livre iniciativa. Um dos alvos centrais do Programa era atrair o interesse de empresários estrangeiros com seu capital e sua tecnologia. Além deste objetivo, pretendia-se estimular a poupança nacional e incentivar a modernização geral do sistema produtivo.⁸⁴

Como visto na citação, a opção de Juscelino Kubitschek foi de um desenvolvimento associado ao capitalismo mundial, assim como, a abertura ao capital estrangeiro, proporcionando assim a instalação de indústrias multinacionais em território brasileiro. No

⁸⁴ IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.p.153

bojo desse processo ocorre a instalação da Bayer na Baixada Fluminense⁸⁵. Pois, como será demonstrado nas páginas a seguir, o próprio presidente Juscelino esteve em Leverkusen, participando das primeiras negociações em prol da vinda da indústria química de base para o Brasil.

2.2 Histórico da Bayer na localidade

A Bayer, nos anos de 1950, já possuía inúmeras filiais espalhadas pelo mundo, no Brasil as atividades industriais haviam começado no início do século XX, nos anos de 1920, com a produção da aspirina. No ano de 1925, tem se a instalação da Aliança Comercial de Anilinas Ltda., iniciava-se a produção de corantes no bairro de São Cristovão, atendendo a indústria têxtil brasileira que crescia naquele momento. Em 1946, a Aliança aumentara sua produção, passando a fabricar auxiliares para a indústria têxtil, de couro e de papel. Com esses novos produtos sendo produzidos, para dar continuidade a tal produção foi necessária a construção de uma nova fábrica, a CIDASA, essa ficava localizada próxima a rodovia Rio – Petrópolis, na altura de Xerém.⁸⁶

Nos anos de 1950, o Brasil se desenvolvia, a CIDASA, que era a representante da Bayer em território brasileiro não conseguia atender a expansão da demanda. Verifica-se a necessidade de um complexo maior, no qual houvesse possibilidades de ampliações e instalação de novas unidades. A empresa demonstrava interesses em investir no país, o momento brasileiro como demonstrado anteriormente era de atrair o capital estrangeiro e com isso impulsionar a industrialização brasileira. Dessa forma, o presidente Juscelino fez uma visita oficial ao Professor Haberland na sede da Bayer, em Leverkusen, dando início aos entendimentos entre a empresa e o governo brasileiro.

Tendo em vista o encontro e o novo redirecionamento da atuação governamental no que tange a política econômica, Segundo Allen Dupré:

Em 1955 antecedendo o período de euforia desenvolvimentista que o país viveria a partir do ano seguinte sob o governo de Juscelino Kubitschek, a empresa adquiriu a Companhia de Ácidos, antiga e pouco expressiva fábrica de ácido sulfúrico e

⁸⁵ Neste trabalho estou de acordo com a Fundação CIDE no que tange a definição dos municípios que fazem parte da Baixada, segundo ela os seguintes municípios fazem parte: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

⁸⁶ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.54.

superfosfato, pertencente ao Grupo Peixoto de Castro (que era dono também da refinaria de petróleo de Manguinhos).⁸⁷

A Companhia de Ácidos tinha uma posição estratégica no território do Rio de Janeiro, nesse sentido é interessante notar os motivos da compra da fábrica e as questões preponderantes para a instalação de um parque fabril da Bayer nessa localidade. A fábrica de ácidos comprada pela Bayer em 1956, começara a funcionar em 1950. Foi o primeiro grande empreendimento da região de Belford Roxo e ocupava 347 mil m², produzindo 30 toneladas diárias de material, as instalações dessa fábrica foram reaproveitadas, por exemplo: a unidade de ácido sulfúrico, o depósito central e o conjunto de casas margeando a Estrada da Boa Esperança, que acomodava famílias de funcionários da empresa.

Não somente o reaproveitamento da antiga fábrica foi importante para escolher a área como novo local do parque fabril da Bayer, vejam-se outros motivos que foram de vital importância para a escolha. Pois bem, o desenvolvimento brasileiro fez com que a demanda por produtos em geral crescesse, com isso a CIDASA não dava conta da produção necessária, foi requerido uma nova fábrica, na qual o terreno que a abrigasse, houvesse possibilidades de ampliações. O terreno adquirido pela Bayer, no Município de Nova Iguaçu, atendia esse requisito, além disso, estava numa posição estratégica próxima a rodovia Presidente Dutra, na Baixada Fluminense, a somente 45 Km do centro do Rio de Janeiro, ainda capital federal, e a cerca de 400km de São Paulo que despontava como um polo industrial importante do país.

Adicionalmente aos fatores relativos à localização existiam outros fatores positivos como: Disponibilidade de água potável e de processo, disponibilidade de energia elétrica, disponibilidade de mão-de-obra qualificada na região, topografia plana, com amplas áreas desocupadas ao seu redor com potencial de novas aquisições para futuras expansões.

Não podemos nos esquecer de que a Baixada Fluminense nesse período estava vivendo um período de crescimento urbano e de uma evolução no seu quadro de industrialização. Dessa forma, inúmeras indústrias vão ser implantadas próximas a rodovia Presidente Dutra, a Bayer me parece se enquadrar nesse processo. As prefeituras de Nova Iguaçu e Caxias utilizavam incentivos fiscais para se ter em suas localidades a proliferação da atividade Industrial. Outra fonte de atração para as indústrias era a facilidade para se contratar mão-de-obra, pois, a Baixada Fluminense foi o destino de muitos migrantes que não

⁸⁷ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.55

conseguiam se estabelecer na região central do Rio e eram impelidos a se dirigir às regiões periféricas da cidade.

Feita a compra da área, a construção da unidade demandou um esforço enorme de planejamento do complexo industrial, nesse momento, teve-se a superação de inúmeras dificuldades. O período de estudo, planejamento e construção da fábrica demorou cerca de dois anos, envolvendo, segundo notícias da época, uma conjugação de esforços de mil engenheiros, técnicos e operários brasileiros e alemães para concretizar a obra.⁸⁸

A região de Belford Roxo era um distrito de Nova Iguaçu pouco populoso e com pouca infra-estrutura. A população dessa região sofria com carências urbanas básicas como: saneamento básico, asfaltamento nas ruas e falta de um serviço de saúde eficiente. Naturalmente não tinha as condições materiais necessárias ao empreendimento de grande vulto como os novos conjuntos de fábrica a serem instalados, também havia falta de mão-de-obra especializada em montagem industrial. Nesse sentido, vieram da Alemanha vinte e cinco especialistas, sob a direção do Professor DR. H. Boker, de Leverkusen, com a missão de coordenar essas tarefas e, ao mesmo tempo, treinar os profissionais brasileiros envolvidos no trabalho.⁸⁹

A obra foi concretizada em 1958. No mesmo ano teve-se a inauguração do complexo industrial em Belford Roxo, que tinha as atividades agrupadas em três departamentos (modelo que se manteve inalterado até os anos 1990): Produtos inorgânicos, Corantes e produção orgânica. Com esse modelo de organização e ainda sem todas as unidades instaladas, foram iniciadas as atividades no complexo, no dia 10 de junho, de 1958. Foram inauguradas oficialmente as unidades de sais de cromo, ácido sulfúrico, ácido fluorídrico, corantes azóicos e produtos intermediários. A inauguração das unidades foi vista como algo muito importante para a região e contou com a presença de ilustres personalidades.⁹⁰

O fato da inauguração foi noticiado pelas revistas e jornais contemporâneos como um acontecimento de grande relevância não somente para o âmbito local, mas também de uma grande importância nacional para a indústria brasileira. Por exemplo, uma matéria da revista “O Cruzeiro” focalizou a inauguração da Bayer em Belford Roxo, como um importante acontecimento para indústria brasileira, informava o seguinte:

⁸⁸ Novo Conjunto de Fábricas Bayer, Revista o Cruzeiro, RJ, Ed.junho de 1958. p.3.

⁸⁹ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.55.

⁹⁰ O DEPUTADO Getúlio de Moura compareceu, com o presidente da República, à inauguração da Bayer, em Belford Roxo. Jornal Correio da Lavoura n°.2152. Nova Iguaçu, RJ, p.1,15 jun. 1958.

Foram inaugurados no dia 10 do corrente, novos e importantes conjuntos de fábricas da Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A. Belford Roxo foi o local escolhido para esta grande realização que coloca a Bayer numa posição ainda mais invejável no setor da indústria de Base, no Brasil. Os trabalhos iniciais para esse importante acontecimento couberam à Farbenfabriken Bayer A. G. de Leverkusen, Alemanha. Da conjugação de esforços de mil engenheiros, técnicos, operários brasileiros e alemães surgiram mais essas novas fábricas. As instalações que ocupam o volume equivalente 120.000 mil metros cúbicos estão localizadas em uma área de 335.000 mil metros quadrados. Quadro mil metros de tubo revestido de borracha foram instalados e mais de 20.000 metros de tubo de aço. As novas fábricas, em sua primeira etapa, fornecerão os seguintes produtos de realçada importância para a agricultura e indústria nacional: anilinas, produtos auxiliares para a indústria de papel, tecidos e couro, produtos intermediários para o setor farmacêutico, bicromatos, superfosfato, cromatos, inseticidas, formicidas e herbicidas, sulfureto de sódio e tintas para couro, além de outros produtos. Outros produtos químicos serão fabricados à proporção que as novas etapas previstas forem sendo ultimadas. O ato inaugural foi presidido por S. Exa. o Sr. Presidente da República e contou com a presença do Professor Dr. Ulrich Haberland, presidente Farbenfabriken Bayer A.G de Leverkusen, Alemanha ocidental, diretores da Bayer Indústria químicas do Brasil S/A e inúmeras personalidades de destaque do mundo oficial e econômico do Brasil.⁹¹

A partir da reportagem saltam aos olhos algumas informações importantes acerca do empreendimento. Destaca-se Belford Roxo como o local escolhido para a realização do feito, já se sabe que essa escolha não foi aleatória houve uma conjugação de fatores que proporcionou a escolha do terreno na localidade. Dentre tantos fatores, estão: posição estratégica na Baixada Fluminense, uma antiga fábrica no terreno e essa foi aproveitada, possibilidades de expansão, entre outros.

Terminada as instalações, segundo a reportagem, o empreendimento colocaria a Bayer numa posição invejável na indústria de base, no Brasil, isso se deve ao fato do pioneirismo da empresa nessa área em solo brasileiro. A Bayer que é uma multinacional alemã, na época atuava em diversos ramos no setor químico, tendo como sua marca a pesquisa em laboratórios espalhados pelo mundo, esses alojados em países centrais. Em território brasileiro, a indústria química dava os seus primeiros passos. Na Baixada Fluminense, um pouco depois da instalação da Bayer, vamos ter a inauguração da REDUC, em 1961. Na base do complexo industrial químico brasileiro encontrava-se a indústria de petróleo e a petroquímica, a indústria química de transformação ainda estava muito incipiente. Por isso, a implantação da indústria química estudada ganhou uma relativa importância naquele momento e contou com a presença de ilustres personalidades no momento de sua inauguração.

⁹¹ Novo Conjunto de Fábricas Bayer, Revista o Cruzeiro, RJ, Ed.junho de 1958. p.3.

A própria empresa colocava-se na marcha do progresso industrial do Brasil, intitulava-se como na vanguarda desse processo brasileiro, nesse sentido num de seus panfletos estava o seguinte conteúdo:

Inaugura-se hoje o novo conjunto de fábricas da Bayer Indústria Químicas S/A em Belford Roxo, Estado do Rio de Janeiro. É o coroamento de mais de meio século de esforço e trabalho, através da química, no sentido de melhorar as condições de vida de milhões de brasileiros e de propiciar às indústrias produtos químicos de qualidade. É o reconhecimento de uma grande indústria à simpatia e acolhimento que sempre teve do povo deste grande e generoso país. Quando as forças realizadoras são mobilizadas para cooperar no vasto programa de soerguimento da agricultura e indústria do Brasil, a Bayer só poderia formar a sua vanguarda. O resultado aí está: uma Indústria química de Base para o Brasil.⁹²

Esse trecho é bastante elucidativo de forma a perceber que os investidores alemães, donos da empresa, estavam cientes do processo industrial que o Brasil vivenciava no período, no qual houve uma abertura da economia ao capital externo por intermédio da política econômica adotada por Juscelino Kubitschek. Então os investimentos em solo brasileiro não se deram por acaso, a Bayer percebia no mercado brasileiro possibilidades de crescimento, pois com o desenvolvimento industrial, novas indústrias iriam surgir e elas iriam demandar produtos químicos essenciais como matéria prima. Dessa maneira, os produtos químicos produzidos pela Bayer iriam servir de insumos básicos para outras indústrias desenvolverem suas atividades, assim como a agricultura evoluiria a partir do uso de formicidas e herbicidas no cultivo das lavouras.

Dessa maneira, a Bayer se insere no complexo industrial brasileiro como uma indústria de relativa importância no fornecimento de produtos para a indústria e agricultura nacional. A empresa enquadra-se num processo de industrialização vivido pelo Brasil na segunda metade do século XX, assim como, ela entra no circuito de industrialização e urbanização da Baixada Fluminense.

O objetivo de ilustrar o contexto no qual a Bayer se insere tanto no âmbito local como nacional, acredita-se ter sido realizado. A partir de agora tratar-se-á da experiência industrial da Bayer no que tange: à constituição da vila operária, à transformação produtiva da empresa e ao reflexo na relação com os colaboradores.

⁹² Panfleto: A Bayer na Vanguarda, Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A, RJ, 10 jun. 1958.

2.3 Vila Operária da Bayer

Muitas indústrias utilizaram o modelo da fábrica com vila operária. A utilização de vilas no universo fabril pode ter diversos objetivos como: uma forma de manter sob seu controle funcionários específicos, uma forma de barganha perante aos trabalhadores, uma forma de diminuir gastos com transportes de funcionários e atrasos ou uma concessão em forma de “benefícios sociais”. A Bayer teve na sua história a utilização de uma vila operária ou como ela mesma denominava: “Vila Residencial” e, torna-se importante verificar o porquê da utilização dela e como foi essa experiência.

Na Baixada Fluminense uma indústria que utilizou vilas operárias para abrigar seus trabalhadores foi a Fábrica Nacional de Motores, sua construção atendia a alguns objetivos. Segundo José Ricardo Ramalho a “composição das vilas operárias na FNM atendia à intenção da fábrica de manter sob seu controle estrito um grupo de operários essencial para o andamento do processo produtivo”.⁹³ A partir disso passa-se a ter o controle e rigidez daqueles que seriam os moradores das vilas, a empresa começa a optar por pessoas casadas e com uma estrutura familiar bem delineada.

Dessa maneira, “interessada em fixar a força de trabalho, a fábrica se utilizou das vilas para barganhar com os trabalhadores casados condições que pareciam vantajosas pelo fato de que encobriam o controle maior de seus empregados que a fábrica passava a ter”. A perspectiva nesse caso da FNM era de fixar o trabalhador junto à fábrica, a utilização da vila operária aparece como uma estratégia de cooptação do trabalhador. Pois, havia uma seleção dos funcionários aptos a morar numa casa da vila, de uma forma velada os que tinham comportamento inadequado na visão da empresa certamente teriam dificuldades para morar numa casa dessas. Assim, segundo Ramalho “o fato de lhe ter sido oferecida a oportunidade de morar nas vilas confirmava o seu valor como operário, enquanto que a opção de não ir expressa aqui a percepção de que morar nas vilas implicava ser mais dominado e perder a margem de autocontrole sobre seu tempo livre”.⁹⁴

A vila operária vista como uma estratégia de dominação está ligada ao fato de que através dela a empresa pode barganhar o tipo de comportamento que deseja na unidade fabril. Diante disso, um trabalhador que queria morar numa vila, deveria se adaptar ao tipo de

⁹³ RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.96.

⁹⁴ RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.107.

comportamento que a fábrica desejava. Na FNM os escolhidos para residir ao redor da fábrica formavam um grupo de trabalhadores essenciais para o processo de produção e correspondiam a um quarto do número total dos empregados. Pode-se dizer que esses funcionários eram os mais especializados e alguns exerciam cargos de chefia.

No entanto, no que tange às vilas operárias alguns operários percebiam a exploração e a condição de vítimas ao se estabelecerem nelas, pois, elas começaram a serem vistas como uma extensão da fábrica. Dessa maneira, morar nas vilas significava “morar dentro do trabalho” e implicava uma invasão das horas livres. “O controle da fábrica sobre as vilas era desenvolvido não somente na seleção dos trabalhadores como também na sua alocação, que era organizada conforme o grau de importância, qualificação e hierarquia dentro da FNM”.⁹⁵

A partir da ótica das vilas como uma forma de controle da força de trabalho, José Sérgio Leite Lopes em sua obra⁹⁶, analisa um grupo determinado de operários, submetidos a relações de dominações particulares. A partir da análise detalhada dessas relações, o autor busca entender de forma bem aprofundada, segundo ele um “padrão mais geral de uma forma de dominação específica, a das fábricas com vila operária”.⁹⁷ Lopes num outro estudo que visa entender a relação dos trabalhadores que moram em casas oferecidas pela empresa, o autor faz referências à imobilização da força de trabalho pela moradia, numa usina de açúcar do Nordeste, associa a condição do operário estável à própria constituição de uma família por parte do operário.⁹⁸

Ainda segundo Leite Lopes a organização da fábrica com vila operária tem dois aspectos: o da interferência e controle sobre a vida dos trabalhadores e o das vantagens econômicas advindas deste tipo de investimento para a empresa.⁹⁹ Geralmente as indústrias com vila operária enumeram uma série de regras do que pode ou não pode ser feito, assim como a estadia do operário na vila está intimamente ligada ao seu comportamento no interior da fábrica e o seguimento das regras no cotidiano da vila. O comportamento dos operários faz

⁹⁵ RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.100.

⁹⁶ LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo, Marco Zero e Universidade de Brasília em co-edição com MCT/CNPq, 1988

⁹⁷ LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo, Marco Zero e Universidade de Brasília em co-edição com MCT/CNPq, 1988.p.15.

⁹⁸ LOPES, José Sérgio Leite. O “ Vapor do Diabo”: o trabalho dos operários do açúcar, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.p.175.

⁹⁹ LOPES Apud RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.99.

parte das regras do jogo, isso nada mais é do que uma interferência direta e visível na vida extra-fábrica dos operários.

Na Bayer, no final dos anos de 1950, quando houve a instalação do complexo industrial, o sistema de transporte que ligava a cidade do Rio de Janeiro a Belford Roxo (ainda distrito de Nova Iguaçu) era precário e limitado. Havia poucas vias de acesso, a mais importante na época era a rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, com pista única. Além dela havia a ferrovia remanescente da antiga estrada de Ferro Rio D`ouro, que havia sido desativada e teve o trecho que levava a Belford Roxo incorporado pela Estrada de Ferro Central do Brasil, por meio de sua linha Auxiliar. Uma ligação precária, com trens superlotados e muitos atrasos.¹⁰⁰

Com esse sistema de transporte débil e precário é notório que os trabalhadores que se dirigiam às unidades fabris sentiriam dificuldades de acesso. Para minimizar essa situação a Bayer decidiu construir casas junto ao complexo, formando sua vila residencial. As casas da vila operária “eram especificamente utilizadas para abrigar alemães e os operários especializados”.¹⁰¹ Desse modo, percebe-se que as casas eram oferecidas aos profissionais que exerciam funções estratégicas para o funcionamento das áreas produtivas, algo similar ao que acontecia nas Vilas construídas pela FNM.

Allen Dupré nos revela um pouco como foi sendo feita a evolução da vila no caso da indústria química estudada:

Inicialmente, em 1956, quando a Cia. De Ácidos foi adquirida, foram compradas, ao mesmo tempo, cinco casas. Posteriormente, foram instaladas mais 18, de modo que em 1960 a Vila Residencial já possuía 22 moradias. Ao final dos anos 1970, acompanhando o crescimento do complexo industrial, já eram 30 residências. Nos anos de 1980, os projetos de implantação das novas unidades fizeram com que, mais uma vez a Vila Residencial fosse ampliada. Foram constituídas mais 15 casas. Em seguida para atender os ocupantes das suas 45 moradias, a Vila Residencial passou a contar também com uma área de lazer, que se tornou um verdadeiro “oásis” para os moradores e suas famílias. Ao longo dos anos 1990, o crescimento das cidades, o aumento da oferta de meios de transporte e vias de acesso e os projetos de reestruturação do complexo industrial fizeram com que o conceito de Vila Residencial fosse reavaliado, isso levou a desativação.¹⁰²

É perceptível que o aumento do número de casas da “Vila Residencial” acompanhava o movimento de expansão das unidades industriais. No primeiro momento de 1958 a 1960, as casas eram utilizadas para abrigar os alemães ainda nos tempos de conformação do complexo industrial. Esses alemães exerciam cargos importantes e de chefia na empresa, eram de vital

¹⁰⁰ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.123.

¹⁰¹ Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

¹⁰² DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.123.

importância ao processo produtivo. Devido a isso era relevante eles estarem próximos às unidades fabris.

No entanto, com a evolução do complexo e criação de novas unidades era necessário ter próximo à fábrica outros funcionários estratégicos. Com o passar dos anos alguns brasileiros ocupariam cargos estratégicos e, conseqüentemente, uma casa na “Vila Residencial”. Diante disso, cabe ilustrar a experiência de um operário “estratégico”, que ocupou uma das casas da Vila.

Eu morei na Vila Residencial da Bayer por 12 anos, lá era o seguinte os superiores, chefes de seção, engenheiros, diretores tinham casas melhores, de resto era tudo quase igual. A gente tinha a Kombi que vinha buscar na porta, tinha motorista para levar e trazer as crianças para escola, não pagávamos luz nem telefone, nem a casa tudo por conta da Bayer. Eu tive que sair de lá, pois, aposentei, a casa era somente para quem estivesse ainda em período de trabalho. Eu tive que dar a casa para outras pessoas que estavam precisando. Eu sai de lá por volta de 1986, na Vila tinha um bocado de alemães, porque a fábrica era alemã, aqui é uma filial e São Paulo também é uma filial, a verdadeira é em Munich na Alemanha.¹⁰³

Analisando o relato desse operário percebe-se que havia uma hierarquização no que tange a distribuição das casas, dessa forma, as melhores ficavam com os funcionários mais graduados que ocupavam lugar importante na linha produtiva. O restante dos operários especializados que não eram chefes de seção tinham casas que pouco se diferenciavam umas das outras. O fato de você morar numa casa da vila, aparece neste relato, como um fator positivo, no qual o operário enfatiza que não precisava pagar espécie nenhuma de conta, ficava tudo por conta da fábrica.

A casa não era de propriedade do operário, era concedida somente àqueles que tivessem em período de trabalho. No caso, com a aposentadoria a moradia teve que ser liberada para outro trabalhador. Isso serviria para o caso de demissão também. Se a Vila da Bayer foi pensada como um elemento de dominação ou não, pouco importa, entretanto de qualquer maneira a Vila se revela como catalisador do comportamento do trabalhador-morador, pois, de acordo com o relato, além da concessão da moradia havia uma série de “benefícios sociais”, como o não pagamento de contas. Parece pouco provável que um funcionário escolhido para morar numa dessas casas não tenha seu comportamento pautado em agradar seus superiores, para não colocar seu emprego em risco e também seus benefícios.

Por outro lado, morar na Vila poderia significar uma perda de autonomia no aspecto da vida social, vejamos como era a vivência na Vila.

¹⁰³ Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

A gente não gostava lá da Vila da Bayer porque era um silêncio total somente quando passava um carro que nós escutávamos um barulhinho. E outra coisa para você ir a nossa casa você não podia chegar lá e ir entrando não, tinha que passar pela portaria e na nossa porta tinha um guarda. Você tinha que falar quem você era e quem que morava ali. Assim, não tinha um guarda propriamente dito em cada porta, mas a cada quarteirão um guarda, tinha que se identificar aí ligava e nos perguntavam vocês autorizam fulano de tal entrar em sua residência. A gente dizia pode entrar é conhecido é parente, do contrário não entrava.¹⁰⁴

Pode-se salientar que os moradores da vila residencial eram submetidos a um controle, nesse sentido o local de moradia aparece como uma extensão do universo fabril. Os trabalhadores viam que tanto na fábrica como na vila era necessário obedecer a certas regras. Viver na Vila fazia com que todos os moradores fossem responsáveis pelo estabelecimento à maneira que os trabalhadores julgavam quem poderia entrar ou não em suas casas, requeria um senso de responsabilidade.

A moradia era restrita a alemães e funcionários ditos de confiança da empresa, o acesso a outros funcionários era limitado. Assim, um operário que não foi morador da Vila Residencial, tinha o seguinte olhar sobre ela:

A vila residencial foi criada para alojar os alemães na época ali, eles vinham e residiam na vila e tinha também algumas pessoas que eram brasileiros, que exerciam cargo de confiança como o próprio senhor Felski que você entrevistou, ele morava logo na primeira casa, então tinha brasileiros morando ali também. Era difícil entrar lá, uma vila que era restrita só para eles não tinha aquela rua lá foi construída, também criaram as guaritas, as casas, trouxeram os seguranças. As pessoas que moravam ali também viviam 24 horas na Bayer, a vida social era ali dentro, responsabilidade de noite e dia. Depois nos anos 70 e 80 começou a ter Kombi para levar os filhos dos funcionários às escolas, anteriormente não tinha isso.¹⁰⁵

A noção evocada por tal operário ao dizer que quem morava ali, vivia 24 horas na Bayer, a vida social era ali dentro, é bastante significativa, pois, revela mais uma vez que a vila pode ser interpretada como uma extensão da indústria. Nesse sentido o trabalhador teria sua vida social imersa num ambiente que o remetia ao ambiente de trabalho. No caso estudado por José Ricardo Ramalho alguns trabalhadores tinham a visão de que morar nas vilas implicava ser mais dominado e perder a margem de autocontrole sobre seu tempo livre, tal coisa significava “morar dentro do trabalho” e implicava uma invasão das horas livres.¹⁰⁶ Algo semelhante pode ser percebido no caso da Vila da Bayer, pois, há uma visão de que quem morava na vila ficava sob “controle” da Bayer por 24 horas.

¹⁰⁴ Entrevista do operário aposentado Sebastião Felski, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

¹⁰⁵ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

¹⁰⁶ RAMALHO, José Ricardo. Estado - Patrão e luta operária: o caso FNM. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.107.

Entretanto, através dos relatos e documentos checados não é possível saber se o propósito da criação da Vila Residencial da Bayer está ligado ao controle que ela exerceria sobre os funcionários estratégicos, como em outros casos estudados pela historiografia, no qual a fábrica com vila operária era mais uma estratégia de dominação sobre a força de trabalho. O que foi possível perceber através das fontes é que a Vila Residencial, no caso específico estudado, foi primeiramente pensada para abrigar os alemães que chegavam para trabalhar e exercer funções essenciais na empresa. A estratégia de criação da Vila foi por conta do pífio sistema de transportes da época, com poucas vias de acesso a fábrica.

Fazia-se necessário que alguns funcionários importantes no processo produtivo estivessem próximos ao complexo industrial. Com o passar dos anos, o crescimento do complexo e implantação de novas unidades foram acompanhados pela criação de novas casas na vila. Esta vila já abrigava brasileiros que se tornaram de confiança e estratégicos para o bom funcionamento do cotidiano de trabalho. De certa forma os trabalhadores que receberam as casas foram mantidos sob a “tutela” da empresa pelo menos enquanto estiveram em período de trabalho, não tiveram que se preocupar em pagar as contas. Em contrapartida, era inevitável se adequar às normas e se adaptar a um ambiente que se remetia ao controle fabril.

2.4 Transformação produtiva da empresa

No complexo industrial de Belford Roxo, após a inauguração, as atividades foram agrupadas em três departamentos (modelo que se manteve praticamente inalterado até os anos 1990): Produtos Inorgânicos, Corantes e Produção Orgânica.¹⁰⁷ Na Indústria, nos primeiros anos, o ácido sulfúrico tinha importância estratégica, dessa maneira, “nessa primeira fase de funcionamento da empresa, a maior parte de sua produção, equivalente a dois caminhões tanques por dia, era vendida para a Companhia Siderúrgica Nacional, situada em Volta Redonda, RJ”.¹⁰⁸ Pode-se dizer que a produção de ácido sulfúrico foi o carro chefe na linha de produção e, à medida que o aumento da produção era solicitado, por conseguinte, eram implementados processos de expansões dentro da empresa, isso durou até meados dos anos de 1990. A principal matéria- prima para a produção de ácido sulfúrico é o enxofre, que era importado a granel e transportado por navio até o porto do Rio de Janeiro e, deste, por trem até Belford Roxo. Tal fato nos revela mais uma vez a importância estratégica da escolha do

¹⁰⁷ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.56.

¹⁰⁸ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.55.

local para a instalação das fábricas Bayer, pois, possui uma relativa proximidade ao porto do Rio de Janeiro.

Segundo um operário que começou a trabalhar na empresa no ano de 1960, nos primeiros anos de funcionamento, a empresa, não abarcava um número alto de funcionários e boa parte deles vinha de outra região. Veja-se o que ele fala sobre essa fase inicial.

Eu conheci a Bayer desde sua fundação, subterrâneo até a chaminé. Eu pesquisei, trabalhei, mexi ali mexi aqui. Logo no início, tinha poucos funcionários não chegava a 100. A maioria dos funcionários vinha de fora, vinham da Bahia, Espírito Santo, Paraíba. Eu vim de Santa Catarina, natural da cidade de Tijuca.¹⁰⁹

No relato tem-se a informação de que nos anos iniciais, mas precisamente em 1960, ano que ele entra na indústria química, não chegava a 100 o número dos funcionários. Algo interessante é perceber que a maioria dos funcionários veio de diferentes partes do país. Isso pode estar ligado aos processos migratórios ocorridos no imediato pós-guerra. O Rio de Janeiro, como capital da república, naquele momento reforçou seu papel de atração a grandes contingentes migratórios.¹¹⁰

A motivação desses imigrantes era variada, entretanto o grande norteador era a busca de inserção no mercado de trabalho, em crescimento. Levas de migrantes vieram se instalar na Baixada Fluminense, onde o preço de terra ainda era acessível.¹¹¹ Houve um inchamento populacional na região, nas décadas de 1950 e 1960. E isso ocorreu segundo Israel Beloch “sob o influxo de dois fatores – o prosseguimento da corrente migratória e a expulsão, em escala crescente, de massas trabalhadoras das áreas valorizadas da metrópole para locais mais distantes”.¹¹²

Esses migrantes, que foram expulsos das áreas mais valorizadas, uma parte significativa veio se instalar na Baixada, formando a base do operariado das indústrias que se instalavam na região e de todas as atividades econômicas que surgiam ao seu redor, inclusive da REDUC e da Bayer.¹¹³

¹⁰⁹Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

¹¹⁰ De acordo com o Documento Básico da Área Metropolitana da Guanabara, somente no período entre os anos de 1950 e 1959 migraram para essa região em torno de 123.000 nordestinos. Nesse período foram implantada, segundo o documento, estradas terrestres ligando o Nordeste do Brasil ao Sudeste. Deve-se também considerar os efeitos das grandes secas de 1952 e 1958 (Área Metropolitana da Guanabara – Documento Básico).

¹¹¹ BELOCH, Israel. Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. – Rio de Janeiro: Record, 1986. p.32.

¹¹² BELOCH, Israel. Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. – Rio de Janeiro: Record, 1986. p.33.

¹¹³ Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.p.62.

Na Bayer, esses migrantes que se tornaram trabalhadores entravam na empresa para exercer cargos subalternos, já que durante muito tempo os cargos de chefia eram exercidos por alemães. Esses eram chamados de “expatriados” e ficaram responsáveis pelo bom funcionamento das áreas produtivas do Parque industrial. Muitos deles eram moradores da vila construída pela Bayer, formando assim uma pequena comunidade Alemã na região de Belford Roxo. No trecho a seguir o primeiro diretor Bayer brasileiro revela um pouco desse cenário:

Então aqui na época tinha a chamada Vila Da Bayer com quase vinte e poucas casas onde os supervisores de fábrica, gerente e diretores moravam com família e muitas vezes famílias alemãs então tinha uma comunidade alemã aqui em Belford Roxo, nos terrenos e, depois a gente demoliu. Uma área verde onde tinha toda uma infraestrutura de tênis, campo de futebol, piscinas, churrasqueiras e casas excelentes para acomodar os expatriados que vinham desde a supervisão de fábrica e as chefias de turma eram normalmente de brasileiros. Já a supervisão, chefia e gerência eu diria 90% era de origem alemã.¹¹⁴

Depreende-se que os cargos de chefia ficavam a cargo dos alemães, todavia, isso não parece ter dificultado a relação entre os trabalhadores da indústria química, os brasileiros que trabalharam na empresa parecem afirmar um bom relacionamento com os alemães. Um operário disse que “não tinha nem um autoritarismo por parte dos alemães, eles deixavam nós brasileiros se virar, não tinha nenhuma atividade sindical significativa, era qualquer coisa, atividade sindical de fato começou na década de 80”. Isso pode ser refletido na questão de conflitos nesse período não há relato de caso de conflito de grande proporção, a empresa só terá uma ocasião de uma greve de grandes repercussões, em 1989, uma paralisação de 15 dias.

No decorrer dos anos a empresa sofreu processos de expansão e modernização. No período de 1970 a 1974 verificam-se duas expansões, sendo que a última contou com uma instalação de um forno rotativo, com 53 metros de comprimento, quando foi preciso um esquema especial dentro da unidade fabril para sua locomoção. A década de 1970 foi uma época de um amplo desenvolvimento do complexo industrial de Belford Roxo, com importantes realizações. “O quadro funcional, que somava 700 colaboradores no início da década, atingiria 1300 em 1979”.¹¹⁵

Dessa forma, a empresa tornara-se a maior geradora de empregos e receitas para a região de Belford Roxo, ficava evidente a sua importância para a localidade. Ainda mais

¹¹⁴ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

¹¹⁵ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.68.

porque a empresa empregava muita gente da região. Um operário relatou este fato: “tinha muita gente aqui da região, por que ir a Bayer se tornava muito difícil não tinha ônibus até lá dentro, tinha toda uma dificuldade que existia então quem morasse mais perto era melhor, a empresa entendia dessa forma na época”.¹¹⁶

Já na década de 1980 houve mudanças e progressos significativos em Belford Roxo, dando ênfase em alguns: introdução da Informática, construção do novo prédio da administração, criação de um plano de expansão do complexo industrial e o lançamento do programa de trainees que reformulou o quadro administrativo e foi responsável pela formação de profissionais capacitados e adaptados a filosofia da empresa. Fato importante foi a reformulação do corpo gerencial da Bayer, o foco passara ser em pessoas da localidade. Dessa maneira, “então a Bayer começou todo um processo de renovação de sua gestão com foco em pessoas da localidade, jovens e com o perfil de formação universitária, até então a Bayer trabalhava com expatriados, com pessoas vindas principalmente da Alemanha”.¹¹⁷

O programa de trainee era visto como uma forma de preparar novos gestores, dessa maneira os que se adaptassem e mantivessem índices satisfatórios seriam efetivados na empresa, fazendo assim a renovação do corpo gerencial. A título de exemplo observe-se, nas linhas seguintes, a trajetória do primeiro diretor industrial Bayer brasileiro que foi formado pelo programa de trainees:

Eu mais ou menos trabalhei aqui em Belford Roxo por três anos inicialmente como trainee e dois anos depois eu assumia a primeira chefia de fábrica e mais ou menos um ano depois, eles me enviaram para Alemanha, eu fiz um estágio de carreira, aprendizagem de idioma, pois, eu não falava Alemão também na época e, também a questão cultural de está se integrando, conhecendo a empresa fazendo contatos para que fizesse o desenvolvimento gerencial eu passei lá quase um ano e meio mais ou menos, voltei e assumi a primeira gerência de departamento numa outra área aqui mesmo em Belford Roxo então eu permaneci até 99, quando eu então eu fui novamente agora para os EUA, por mais quase quatro anos nos EUA e, onde eu trabalhei em diversos projetos de Bayer inicialmente uma grande compra que empresa tinha feito aquisição dos negócios de Poliol da empresa “Lion Del” uma empresa americana a Bayer fez uma aquisição de 1,5 bilhão de dólares eu então fui participar deste grupo de integração que chamam, que era reorganiza a empresa, organizar fábricas de sinergia.¹¹⁸

¹¹⁶ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

¹¹⁷ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

¹¹⁸ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009

Por intermédio de seu programa de trainee, a indústria iniciava a formação de profissionais brasileiros adaptados a filosofia da empresa e, aos poucos, os expatriados iam deixando esses cargos de chefia. Hoje segundo as informações do diretor industrial:

Em Belford Roxo já não existe mais nenhum expatriado todo corpo gerencial todas as chefias, todas as supervisões elas são feitas por brasileiros oriundos dos locais. Com experiências internacionais, muitos deles viveram na Alemanha três, quatro, cinco anos também acabou que Belford Roxo foi se tornando um pólo exportador de mão- de- obra principalmente dos engenheiros especializados nós temos pessoas que implementaram projetos na China, em funções de gerência de projetos, funções de pesadas de grande responsabilidade que estão até hoje, há outros estão na Europa, outros nos EUA, nós temos os oriundos de Belford Roxo, a máfia de Belford Roxo que está espalhada pelo mundo.¹¹⁹

Pode-se perceber que nesses cinquenta anos de história no local houve algumas transformações, à maneira que inicialmente as funções de chefia eram preenchidas por alemães. Isso foi mudando ao longo dos anos, o ápice dessa mudança pode ser verificado na implantação do programa de trainees com o propósito de renovação do corpo gerencial. O resultado desse programa implicou na reformulação do quadro e, aos poucos, os profissionais brasileiros foram preenchendo as funções que antes eram destinadas aos alemães. Na atualidade o “site” de Belford Roxo começou a exportar quadros administrativos para outras filiais do grupo em várias partes do mundo.

Nos anos de 1990 frente à nova conjuntura de mercado, a Bayer passa por um novo processo de reestruturação e nesse há um enxugamento do quadro de funcionários e, algumas unidades, que já não eram tão competitivas, deixaram de exercer suas atividades. No início da década de 1990, começou um desmembramento muito forte da empresa, muitas unidades foram fechadas e muitas pessoas perderam seus empregos. Isso teria abalado o pujante desenvolvimento da empresa nos anos anteriores, assim como, muitos trabalhadores ficaram desolados nesse período de dificuldades. Sobre o período observe como ele se apresenta na visão de um trabalhador da fábrica:

Foi um clima muito tenso não tinha vaga para todo mundo e a ordem de fechar veio da Alemanha, o faturamento não tava como o esperado e foram fechando as fábricas e foi uma choradeira total. É que a pessoa se apegava a Bayer por ser uma multinacional que nunca atrasou o pagamento, tenho 35 anos de empresa e ela nunca atrasou meu pagamento e nem minhas férias, corretíssima, então o sentimento que deu foi de uma tristeza, não tinha vaga para todo mundo, nós que chegamos a ter 2700 trabalhadores ficamos com 700, fechou a Cromo, fechou muitas unidades.¹²⁰

¹¹⁹ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

¹²⁰ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

Na década de 1990, houve mudanças significativas na política de comércio exterior brasileira, com a abertura do mercado às importações. Essa abertura teria prejudicado os negócios da Bayer que passou a ter concorrência. À maneira que:

A Bayer era soberana no mercado nos anos 60, 70,80 na abertura do MERCOSUL veio outras empresas, ela mandava sozinha no mercado, e as empresas da Bayer não foram modernizadas, foram sendo sucateadas e as empresas novas que vieram de fora eram moderninhas, então o custo final da empresa ficou meio caro e não conseguiu competir e teve que fechar algumas unidades e foram fechando, mandando embora. Mas com todos os direitos tá é uma coisa que eu friso bem é importante a gente frisar isso pessoas que receberam três meses como ajuda de custo saíam com um pacotão de dinheiro, ela pagava mais para ajudar a família, tudo envolvido com a parte social, deu plano de saúde mais seis meses de graça junto com a cesta básica.¹²¹

Com a abertura comercial e a concorrência de empresas de outros países que entraram no mercado, algumas unidades Bayer ficaram para trás e tiveram que ser fechadas. O quadro de funcionários foi reduzido drasticamente, para se adaptar aos novos tempos a empresa passou a utilizar a estratégia de “sinergia comercial”, na qual atraía empresas externas para que se instalassem em sua área, aproveitando a infra-estrutura adquirida ao longo do tempo e a boa localização. Com conceito de Parque industrial retomado, em 2008, fim do nosso limite temporal proposto para o estudo, o complexo industrial Bayer já acomoda 2000 postos de trabalho gerados, sendo 800 da Bayer e o restante de parceiros.¹²² A propósito as transformações produtivas e as adaptações às novas conjunturas de mercado, no caso estudado implicou na redução do número de empregados da indústria. Todavia, mesmo com a diminuição dos postos de trabalhos, a empresa segue respondendo pela geração de 10% da ocupação de mão-de-obra do município, com reflexos significativos na geração de receitas tributárias.

O propósito deste capítulo foi fazer um breve histórico dos 50 anos da indústria química no local, visando exemplificar sua experiência industrial no que tange: o contexto na qual ela se insere e tem sua implantação, sua experiência de fábrica com vila e suas transformações ao longo dos anos. Para assim, estar mais familiarizado com o universo da indústria química estudada, visualizando sua relação com seus trabalhadores e a relação de importância para à localidade na qual se instalou.

¹²¹ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

¹²² Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2011.

O próximo capítulo irá se dedicar a desvendar mais uma experiencial industrial vivida por diversas empresas, “a experiência da greve”, que na Bayer ocorreu no final dos anos 1980, período no qual pipocaram diversas greves em vários lugares do país, principalmente na região do ABC paulista.

Capítulo III

O caso da Bayer Belford Roxo

Para entender melhor ainda a relação da indústria química com seus trabalhadores, faz – se necessário entender a greve ocorrida em 1989, - fato histórico para a empresa-, com duração de mais de duas semanas. A greve foi julgada ilegal e ocasionou a mudança na relação entre empresa e sindicato, teve diversas demissões de lideranças sindicais que entraram na justiça do trabalho e voltaram para seus postos de trabalhos.

A intenção aqui é narrar à greve da Bayer e a partir de narrativas responder a alguns questionamentos, como: a) Por que ela ocorreu naquele momento? b) Quais eram as reivindicações dos trabalhadores? c) Como se organizaram os trabalhadores nos dias da greve? d) Qual foi a posição da empresa junto ao movimento grevista? Respondendo tais questionamentos, poder-se-á trazer à tona a luta dos trabalhadores da Bayer em prol dos seus direitos enquanto força de trabalho e perceber as contradições existentes na relação empresa e trabalhadores.

Nos anos de 1980, o Brasil vivia um momento de lutas pela redemocratização, assim, observa-se que nesse período ocorre um ressurgimento, uma maior mobilização e ascenso do movimento dos trabalhadores. Segundo Marco Aurélio Santana, a década de 80 foi uma década de ouro para o sindicalismo brasileiro e dessa maneira “as forças atuantes no movimento dos trabalhadores se reorganizaram e rapidamente fundaram centrais sindicais que passariam a coordenar nacionalmente as ações dos trabalhadores”.¹²³ Pode-se verificar na esteira desse contexto a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que ocupou um papel de destaque no processo de mobilização dos trabalhadores e serviu como fio condutor para diversas mobilizações e greves que marcaram os anos oitenta, até mesmo greves gerais de caráter nacional.

O governo de José Sarney (1985- 1989) deparou-se com um acréscimo no número de mobilizações dos trabalhadores. Dessa forma, a década de 80 foi palco de inúmeras mobilizações grevistas, vivendo a consolidação do movimento sindical brasileiro que havia sido fomentado no final da década anterior. Segundo Santana esse fato seria:

Facilitado por um período de transição política para a democracia – que lhe garantia campo de atuação - e por uma conjuntura econômica de elevada inflação – que lhe

¹²³ SANTANA, Marco Aurélio. O sindicalismo brasileiro nos 1980-2000: do ressurgimento à reorientação. Ano V – Número 8 – 2011. p2. Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho.

fornecia combustível mobilizatório -, o sindicalismo nacional acumulou vitórias organizativas importantes, re-ocupando o espaço político que havia sido bastante reduzido pelos militares.¹²⁴

A partir de 1978, o cenário social e político do país ganha experiências de luta e organização da classe trabalhadora no Brasil, numa perspectiva de luta contra os governos e os patrões. O número de greves aumentou significativamente, a greve entra como uma estratégia do movimento que se convencionou chamar de “novo sindicalismo”. Segundo Giovanni Alves “o que veio a ser denominado ‘novo sindicalismo’, nos anos 80, caracterizou-se por uma nova prática sindical, de organização da base, da construção, da intervenção operária nos locais de trabalho, considerada uma das principais debilidades do sindicalismo brasileiro”.¹²⁵

Pensar no que se convencionou chamar de “novo sindicalismo” sem mencionar o uso da greve como forma de barganhar direitos dos trabalhadores seria praticamente impossível. Também se faz necessário não somente olhar para o caráter quantitativo das greves e sim pensar nas formas de ser, no caráter (qualitativo), dessa maneira, verifica-se as mutações das estratégias sindicais. Para Ricardo Antunes, as greves assumiram várias modalidades, ou ainda, formas de ser – greves por empresa, greves gerais por categoria, greve geral, greves com ocupação de fábricas. Entretanto, a tendência mais importante, refere-se ao aumento das “greves por empresa” em oposição às “greves gerais por categoria”.¹²⁶

O estudo de caso analisado está dentro do quadro de aumento de greves por empresa, no qual o período econômico desfavorável vivenciado pelo país naquele momento implicava nas condições de vida dos trabalhadores. E isso naturalmente gerou reflexos no novo perfil que se conformava de sindicalismo combativo e de confronto.

Já se sabe que os anos oitenta foram marcados por uma série de acontecimentos grevistas, que tinham em seu âmago as contradições entre o capital e o trabalho no Brasil. Nas linhas seguintes deparar-se-á com o contexto, no qual ocorreu a greve na Bayer- Belfod Roxo, Baixada Fluminense. Centralizar-se-á a análise no caso particular dessa indústria química, não deixando de perceber suas especificidades em meio a esse processo de luta geral dos trabalhadores para se conformarem, enquanto classe.

¹²⁴ SANTANA, Marco Aurélio. O sindicalismo brasileiro nos 1980-2000: do ressurgimento à reorientação. Ano V – Número 8 – 2011. p2. Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho

¹²⁵ ALVES, Giovanni. Do “Novo Sindicalismo” À “concertação social” Ascensão (E CRISE) Do Sindicalismo no BRASIL (1978-1998). Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 15, p. 111-124, nov. 2000.

¹²⁶ ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. São Paulo: Boitempo, 1988.p.54.

A Bayer, ao longo dos anos, se constituiu como uma das mais importantes indústrias da região de Belford Roxo. Ela se orgulha por manter uma política de benefícios sociais, e de chamar os trabalhadores de colaboradores e dizer que todos fazem parte de uma grande família, desse modo, a empresa busca manter uma boa imagem junto aos seus trabalhadores. Entretanto, no período pós-greve foram distribuídos panfletos nas proximidades da fábrica e de Belford Roxo acusando a Bayer de ter praticado atos de terrorismo e a imagem de empresa “mãe” desmascarada. Em documento dedicado a responder a acusação feita por esses panfletos, a diretoria da indústria informou:

A Bayer é, na verdade, uma das empresas mais procuradas no Rio de Janeiro por aqueles que querem um emprego melhor, exatamente pelo fato de adotar boas políticas na área social e salarial e por manter um ambiente de trabalho saudável e participativo. Uma prova disso é que a grande maioria dos nossos colaboradores procura colocar seus filhos e parentes para trabalhar na Bayer, por saberem que ela é uma excelente empresa.¹²⁷

Alguns fatos precisam ser investigados, se a empresa prega que tem uma boa política na área social e salarial, qual seria o real motivo da greve e por que alguns panfletos informavam que a imagem de empresa mãe na greve foi desmascarada? O conflito entre trabalhadores e a Bayer precisa ser analisado e assim será possível perceber as estratégias dos industriais e dos trabalhadores nesse embate.

Segundo informações da empresa por meio de seu canal informativo:

A Bayer do Brasil teve um faturamento de 128,02 bilhões de cruzados, em 1988, o que significou um crescimento de 747,5% comparando-se com o ano anterior. As vendas totais, incluindo os negócios para terceiros, alcançaram 182,8 bilhões de cruzados, com um crescimento, em termos reais, de quase 30%, com relação a 1987. O lucro do exercício foi de 15,8 bilhões de cruzados.¹²⁸

O faturamento da empresa não passava despercebido pela imprensa do sindicato que representava os trabalhadores da referida indústria química e já começava a ser alvo de críticas. Pois, segundo dados da própria empresa, no ano de 1989, ela teria um faturamento de cerca de 550 milhões de dólares, o que corresponde a um bilhão e 600 milhões de cruzados novos.¹²⁹ O Sindiluta, periódico da categoria, fazia uma dura crítica a empresa e em matéria que chamava a atenção para o faturamento da Bayer, no ano de 1989, escrevia na sua manchete: “Veja como se constrói o império da exploração”. Segundo o periódico esse título fazia uma alusão ao faturamento exorbitante que foi construído às custas dos esforços dos

¹²⁷ Ofício da diretoria Bayer do Brasil S/A. São Paulo, 27 Jul. 1989.

¹²⁸ BAYER S.A. Coleção Bayer Repórter. São Paulo, maio. 1989.

¹²⁹ Folha de São Paulo, 04 maio. 1989.

4.267 trabalhadores de todas as filiais da Bayer no Brasil. E alguns questionamentos acerca dos salários dos trabalhadores foram colocados na reportagem como:

Por que a Bayer não equipara os salários de seus funcionários na mesma proporção de sua riqueza? De novembro até agora a empresa concedeu apenas 35,7% de reajuste a título de antecipação salarial, que será descontado na data-base. Os 35,7% ficam ainda mais minguados se comparados às nossas perdas salariais, que até 30 de abril chegavam a 107,95%. A Bayer tem todas as condições de repor integralmente as perdas salariais de seus trabalhadores. Clubes, cursos e outros refrescos oferecidos pela empresa servem de cortina de fumaça para encobrir a exploração diária a que a Bayer submete seus trabalhadores. Somos nós quem produz as riquezas para um império multinacional faminto por lucros. E somos nós que podemos reverter à situação. Sem os trabalhadores a Bayer não existe, a Bayer não é nada. Chegou a hora de ficarmos com a nossa parte do bolo. Os companheiros e companheiras devem participar das reuniões e assembléias convocadas pelo sindicato. Os trabalhadores da Bayer o quanto antes devem tomar consciência de que os trabalhadores unidos tem a força necessária para conquistar uma vida mais digna para nós e nossas famílias.¹³⁰

Diante das dificuldades salariais dos trabalhadores devido às perdas salariais frente à inflação daquele período, soa como uma boa estratégia demonstrar o faturamento da empresa e dessa forma incitar os companheiros à mobilização e participação das reuniões do sindicato. A reportagem procura demonstrar aos trabalhadores que a indústria estava com um faturamento que daria conta de suprir as perdas salariais da classe. Logo, alguns benefícios dados pela empresa seriam meros paliativos dentro de uma estratégia patronal de contenção da força de trabalho.

Parece que a chamada do periódico para a participação das reuniões e assembléias da categoria surtiu efeito nos membros da classe. Pois, no dia 25 de maio, de 1989, em assembleia a categoria decide solicitar à empresa um posicionamento sobre as perdas salariais. Conforme dados do IBGE, o índice de perda era de 88,51%, a categoria exigia parcelamento, assim ficava marcada nova assembleia, para o dia 06/06/89. No dia 29 do mesmo, a empresa recebe ofício do sindicato através da Diretoria, solicitando resposta antes do dia 06/06/89.

No dia 06/06/1989, através de boletim a empresa informa que concederá reajuste espontâneo de 25%. O Sr. Cavalcanti, gerente de RH, convoca uma reunião com o pessoal do MDI e o pessoal da Anilina/NB exige participar. Nessa reunião, depois de tentar explicar a posição da empresa e ser contestado pelos trabalhadores, ele afirmou “que os 25% que a empresa oferecia aos seus colaboradores eram 25% a menos de fome que eles iriam passar”.

¹³⁰ SINDILUTA, São Paulo, 23 maio. 1989.

Às 19:00 horas do mesmo dia, ocorre uma assembleia no sindicato com a presença maciça dos trabalhadores, e se decide pela greve a partir das 00:00 horas.¹³¹

Sobre a greve, um dos líderes relata, em linhas gerais o porquê de ter ocorrido e qual era a reivindicação dos trabalhadores:

Porque no final da década de 80, mas especificamente por volta de 1988 à nova constituição federal mudou algumas coisas e com a inflação muito alta o nosso salário corria rápido. Então a gente queria em Julho uma antecipação, só que a nossa data-base é em setembro, nós queríamos até que essa antecipação fosse descontada em setembro. A empresa não quis ai acabou gerando a greve, em julho a empresa não quis modificar nada, mas só que em setembro nós acabamos conquistando.¹³²

Similar a muitas greves do período, um dos motivos era a perda do poder de compra dos trabalhadores que corria muito rapidamente devido à conjuntura de inflação. Algo peculiar também citado é o fato da nova constituição ter sido citada, nela estar contido o direito do trabalhador de se fazer greve em determinadas circunstâncias.

Outro funcionário que teria participado da assembleia que decidiu pela greve mostra que, a princípio, a greve era somente de 24 horas. Com o intuito de alertar a empresa que os trabalhadores estavam unidos. Nesse sentido, supõe-se que os acontecimentos que sucederam não estavam sendo previstos, isso pode ser verificado no trecho do relato a seguir:

Na assembleia nós decidimos uma greve de 24 horas, fizemos a greve, mas chegando na hora lá foi tomado outro rumo, foi complicado para os trabalhadores muitos foram demitidos [...] A decisão foi tomada em assembleia decidindo parar por 24 horas chegando lá no pátio, vamos ficar vamos continuar a greve e naquela empolgação nego levantou a mão, parou. E a adesão foi total e tínhamos muito trabalhador, em 1989, nós tínhamos 2700 empregados e todo mundo parou, a gente só não parou as partes essenciais a gente organizou quem trabalhava no vapor tinha que entrar e alguns outros serviços, só que foi um caos total quando voltou os diretores foram presos, mas foi uma choradeira total.¹³³

Percebe-se que no primeiro momento que a greve seria somente um alerta à empresa. Os trabalhadores visavam demonstrar que estavam unidos. E também havia um desejo de chamar a atenção dos diretores da indústria e exemplificar que os operários não estavam dispostos a fraquejar no movimento, a greve foi tirada como forma de advertência à empresa, assim eles davam o recado se não houvesse negociações a situação poderia se complicar.

A greve na Bayer ocorreu no final da década de 80, mas especificamente em 6 de julho de 1989. Nesse período, o novo sindicalismo estava muito em voga com suas formas de atuação, somado às greves no ABC paulista e ao crescimento do PT, esses fatos de alguma

¹³¹ Informações adquiridas através de um Dossiê sobre o histórico da greve Disponível no Sindiquimica. Sindicato que representa os trabalhadores da Bayer de Belford Roxo.

¹³² Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

¹³³ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

forma teriam influenciado o contexto da greve aqui na Bayer. Pelo menos no que tange ao espírito reivindicativo em forma de greve. Sobre essas influências externas é significativo o relato adiante:

Era o novo sindicalismo que estava contaminando todo mundo e todos eufóricos achando que aquilo era o mais correto na época, e na época foi tanto que houve várias conquistas e muitos ganhos e teve que fazer isso. São mudanças de comportamento do ser humano hoje eu possa estar assim e daqui a 20 anos não estar mais desta maneira, uma mudança social mesmo que existia na época, então na época foi bom parar e fazer, hoje em dia quase não se ver mais greve tem de professores e tal, mas de uma empresa mesmo é difícil.¹³⁴

Sobre o tempo em que ocorreu a greve e a influência da CUT, um dos diretores sindicais nos relata:

Nesse tempo nós não éramos filiados a CUT e tinham diretores que eram ligados a CUT, a assembléia foi aqui mesmo e foi tirada uma greve de advertência de 24 horas. E esses que eram da CUT na porta da fábrica conseguiram manipular novamente outra assembléia e ficou definida a greve de tempo indeterminado. Naquele tempo o que veio de gente cutista e ativista e conseguiram reverter à coisa que não podia, por isso que a gente fala se faz 24 horas a gente teria conseguido algumas antecipações.¹³⁵

O estilo de confronto direto dos que tinham alguma simpatia pela forma de agir da CUT parece ter sido assimilado pelos trabalhadores na porta da fábrica, ao concordarem pela greve de tempo indeterminado. A adesão segundo dados do sindicato e jornais da época foi grande.

Na tabela abaixo, verifica-se como ficaram organizadas as atividades, nela está contido o número de funcionários que entrou para dar continuidade às atividades essenciais que não podiam ser paradas, dado o risco de algum acidente mais grave.

Os números da greve¹³⁶

SETOR	TOTAL/EMPREGADOS	TRABALHANDO
KCH	80	15
NABT	20	2
AZO 1	75	0
AZO2	75	0
HF	15	0
ZW	130	8

¹³⁴ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

¹³⁵ Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

¹³⁶ Dados encontrados no Dossiê sobre a greve, Disponível no Sindiquimica.

WI	90	2
PUM	45	2
ANILINA	50	8
MDI	25	4
MDACO	25	2
DESMOCOOL	25	2
PCA ENERGIA	10	0
FARMA	50	12
ÁCIDO	45	Sem informação
PCL3	20	Sem informação
DCH	240	3
AVALU	10	1
FRIOS	20	0
TOTAL =	1.050	61

No dia 07/06/1989, a greve foi pacífica na porta da fábrica, com a adesão das empreiteiras da construção civil e dos metalúrgicos, são feitas as trocas de turno das partes essenciais, normalmente, sem incidentes. No dia 9, há abertura de negociações, a empresa se mantém intransigente, não querendo reconhecer as perdas dos trabalhadores. No dia 12, a situação, na porta da fábrica, parece ter ficado um pouco mais crítica, pois houve aumento do efetivo policial com força de choque de cinco batalhões.

Segundo informações do sindicato da categoria é colocada uma equipe de cinco pessoas, dois cinegrafistas, pela empresa, para filmar os trabalhadores em greve. Ocorre no dia 12, o primeiro conflito sério entre os policiais e os trabalhadores. Pois o Sr, Moll, diretor de segurança da empresa, ordena ao “Tenente Mendes” da PM, garantir a entrada das carretas. Os trabalhadores resistem, fazendo uma barreira humana, a polícia recua e as carretas não entram.

Verifica-se nesse episódio a resistência dos trabalhadores, organizando piquetes na porta da fábrica, impedindo que as carretas entrassem no interior da indústria química, uma das estratégias da greve era desestabilizar a produção. E desta maneira, obter alguma resposta da empresa, como consta na tabela, havia poucos funcionários trabalhando, um dia sem trabalho normal, gerava enormes prejuízos.

No dia 14/06/1989, os acontecimentos foram estes: a empresa não confirma o pagamento da quinzena, continuam as filmagens, a presença policial continua na porta da empresa, os trabalhadores decidem em assembleia não fazerem a troca de turnos, a empresa

envia uma carta aos seus colaboradores, pedindo para que voltem ao trabalho, torna-se interessante analisar o conteúdo desta carta:

Prezado (a) colaborador (a), Há mais de uma semana estamos vivendo uma situação de greve, que é indesejável e delicada, sem data para terminar, por ter sido decretada por tempo indeterminado. Uma greve implica em grandes prejuízos para a empresa e consequentemente para seus colaboradores. A greve nunca foi e nunca será, o melhor caminho para alcançar-se um objetivo. A Bayer tem uma longa tradição de entendimentos, que proporcionaram grandes avanços e melhorias para seus colaboradores. Certamente não é através da força, pressão ou coação, que as dificuldades do dia-a-dia poderão ser superadas. A Bayer tem absoluta consciência de que tem evoluído significativamente no campo salarial. Raras empresas tem acompanhado esta política, que resultou só nos últimos quatro meses, em aumento da ordem de 77%, sem considerar aumentos individuais ou de mérito, que realizamos em abril de 89. Isto representa, na prática, que a diferença entre inflação e os aumentos concedidos desde setembro/88, é hoje de apenas 9,35%, e não de 88,51%, como tem sido incorretamente divulgado. Apesar disso, e visando criar condições de superar o impasse surgido, a Bayer, sem qualquer tipo de radicalização, foi mais além, garantindo a reposição integral das inflações dos meses de junho e julho. A greve, em sendo julgada ilegal, trará, entre outras implicações, o não pagamento dos dias parados, com sérios prejuízos para o orçamento de cada colaborador. Por isso, é de fundamental importância que cada um reflita sobre a gravidade dos acontecimentos, com bastante serenidade e tranqüilidade e tome, conscientemente, junto com sua família, a decisão que julgar mais adequada. Pela importância do momento, esta decisão deve ser tomada livre de qualquer pressão, medo ou coação. Ninguém pode ou tem o direito de tomar esta decisão por você! Caso sua decisão seja a de retorno ao trabalho, a Bayer estará esperando por você de portas abertas.¹³⁷

Foi necessária a reprodução integral da carta, pois, trata-se de um dos poucos momentos neste episódio em que há um pronunciamento da direção da empresa sobre o ocorrido. Nessa carta pode-se perceber que a direção da indústria procura deslegitimar a greve como um meio de se conseguir um objetivo e ela busca também um enfrentamento no que tange as informações sobre a inflação do período, pois, o sindicato tinha um número e a empresa outro. Assim ficava difícil o entendimento, outro artifício utilizado foi atentar para o trabalhador se caso a greve fosse julgada ilegal as dificuldades financeiras do trabalhador cresceriam por conta do não pagamento dos dias parados.

Vejamos que a questão financeira também entrou na pauta de argumentação da empresa para convencer o trabalhador a retornar ao trabalho, outro apelo feito era dele pensar juntamente com a família sobre o assunto. Desta maneira, o sindicato ficaria de fora da decisão do trabalhador que segundo a empresa “esta decisão deve ser tomada livre de qualquer pressão, medo ou coação”. Observa-se uma tentativa de uma individualização da

¹³⁷ Carta da diretoria da Bayer S.A. endereçada aos seus colaboradores, Rio de Janeiro, 14 jun. 1989.

decisão do trabalhador, que deveria pensar por ele mesmo, se a decisão fosse de voltar ao trabalho as portas da empresa estariam abertas.

Outro ponto que rendeu discussões entre empresa e sindicato no período grevista foi o da troca de turno para manutenção dos serviços essenciais, no dia 14 em assembleia, os trabalhadores decidiram não efetuar mais a troca de turnos. No mesmo dia a direção da empresa enviou um telegrama ao sindicato pedindo-lhe explicação sobre o ocorrido:

Embora V.s já tenha sido alertado sobre a necessidade das trocas de turno para manutenção dos serviços essenciais, inclusive advertido pelo próprio tribunal, na audiência de conciliação, lamentavelmente V.S não cumpriu a parte que lhe cabe, não efetuando as trocas do turno às 06:00 e 12:00 horas de hoje. Por isso, temos colaboradores há mais de 15 horas na fábrica, necessitando de imediata substituição. Enfatizamos que, caso V.S continue intransigente em não efetuar as devidas substituições, será o único responsável por eventuais danos ao patrimônio da empresa, à integridade física dos nossos colaboradores, bem como por graves riscos que estará submetida à comunidade da Baixada Fluminense. Pelo exposto, estamos tomando as medidas legais que o assunto requer.¹³⁸

Pode-se observar pelo telegrama uma situação tensa entre o sindicato e a direção da empresa, que cobrava explicações do sindicato sobre o ocorrido, bem como, já deixava o sindicato sobre alerta dos graves acontecimentos que poderiam ocorrer e se porventura ocorressem seriam de responsabilidade do sindicato. E no final deixa claro que tomaria as medidas cabíveis que o assunto requeria, mais adiante encontra-se o desfecho dessa situação.

No dia 15/06/89, a greve ganha o noticiário dos jornais locais, pois nesse dia cerca de 500 funcionários da Bayer percorreram as principais ruas de Belford Roxo. A ideia inicial era de fechar a Rodovia Presidente Dutra, mas houve um acordo entre o comando da greve e o Major Dias do 20 ° BPM, ficando acordado que os manifestantes não fechariam a rodovia. O fato foi relatado pelos jornais locais da época, vejamos alguns trechos que dão conta do episódio:

Apesar das ameaças de fechar a Rodovia Presidente Dutra os funcionários da Bayer – em greve há 10 dias – apenas se restringiram a realizar ontem à tarde, uma passeata pelo centro de Belford Roxo e um ato na altura do antigo quilômetro 12 daquela via, em frente ao posto Ipiranga. Participaram da manifestação pouco mais de 500 operários, que ao longo do percurso carregavam faixas reivindicando melhores salários e gritavam palavras de ordem.¹³⁹

Operários da Bayer do Brasil, apesar de ter frustrada a tentativa de interditar a Rodovia Dutra, vão continuar em greve por tempo indeterminado. Cerca de 200 policiais militares fizeram grande cordão de isolamento e, por pouco, não houve um

¹³⁸ Bayer do Brasil S.A. telegrama endereçado ao SR. Djalma Lima Araújo, presidente do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de produtos químicos de Nova Iguaçu, Belford Roxo, 14 jun. 1989.

¹³⁹ Jornal de Hoje, p.3, 15 jun. 1989.

conflito. Contudo, graves denúncias de morte foram feitas dentro do complexo industrial.¹⁴⁰

Os trabalhadores da Bayer partiram para outra estratégia já que a empresa não apresentara nenhuma contra proposta. A opção foi trazer o conflito para o conhecimento do público, assim a empresa se veria forçada a negociar, pois, a indústria zelava pela boa imagem que tinha perante a população de Belford Roxo. E justamente nesse ponto, que os trabalhadores atacaram, eles traziam cartazes que informavam “A Bayer não e mãe é madrastra”, “todo poder aos trabalhadores”, “A população exige controle dos riscos”.

Um panfleto do sindicato informava que há 25 anos não acontecia uma greve na Bayer do Brasil, a empresa anunciava ser a extensão do lar. Entretanto, parece que esta extensão do lar precisava de alguns retoques, para assim agradar a massa de seus trabalhadores, que pela primeira vez em 25 anos entraram em greve, mas sua mobilização não fica nada a dever de outras fábricas com mais experiência de greve. Isso pode ser verificado na atuação, na porta da fábrica, em formas de piquetes, na manutenção dos serviços essenciais e na mobilização dos membros da categoria em forma de passeata no centro de Belford Roxo.

Segundo Aécio Barbosa de Oliveira, diretor do sindicato, em entrevista ao Jornal de Hoje, a paralisação está causando prejuízos diários de 100 mil dólares à empresa, que é um complexo industrial, composto por 16 fábricas, produzindo um total de mil itens diferentes. Oliveira acrescentou que algumas indústrias de São Paulo já estavam sofrendo com a falta de matéria prima ocasionada pela greve na Bayer, a própria Companhia Siderúrgica Nacional estava sendo prejudicada.¹⁴¹

A categoria reivindicava 88,51%, mas a empresa só concedia 25%, enquanto isso o embate se arrastava por mais alguns dias. No dia 17/06/89, o conflito se acirra ainda mais, diante da negativa da categoria de fazer a troca de turnos, o SR. Moll ordena ao Tenente Mendes que efetue a prisão dos Diretores do Sindicato, Djalma Araújo, Aécio de Oliveira e Ronaldo Pereira, foram recolhidos à polícia federal.

Às 06h30min o Tenente exige a troca de turnos aos 2 diretores: Edson Luiz e Rudnei, que estavam fazendo uma reunião na porta da fábrica, e os trabalhadores decidem fazer a troca de turno, desde que os diretores presos fossem libertados. Quando os diretores vão informar a decisão à empresa, o Sr. Moll manda o Tenente Mendes agir como anteriormente,

¹⁴⁰ Jornal O pontual, p.2, 15 jun. 1989.

¹⁴¹ Jornal de Hoje, p.2, 15 jun. 1989.

Edson, Rudnei e o Antônio são presos, juntamente com o representante da CUT- Baixada, Homero de Souza.

O noticiário local não deixou esses fatos passarem em branco e cobriram os episódios das prisões, observe o relato do ocorrido:

Policiais do 20º BPM (Mesquita) prenderam na madrugada de ontem seis sindicalistas que faziam piquetes na frente da Bayer, em Belford Roxo. Entre os presos está o Presidente do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu, Djalma de Lima Araújo que foi trazido com outros diretores do sindicato, Ronaldo Ferreira Pereira e Aécio Da Silva, para Polícia Federal no Rio onde estão presos. Os outros detidos são Edson Luis de Barros, Rudnei Cosme da Silva e Antonio Joaquim dos Reis, diretor do sindicato e um representante da CUT, Homero de Souza. Estes estavam até o início da tarde ainda na receita federal, em Nova Iguaçu.¹⁴²

A interrupção na rendição das turmas que realizam a manutenção dos serviços essenciais da Bayer – em greve há treze dias- acarretou ontem a prisão de quatro diretores do sindicato dos trabalhadores nas Indústrias químicas de Nova Iguaçu e um integrante da CUT- Baixada. Os líderes do movimento grevista, entre eles o Presidente do Sindicato, Djalma Lima de Araújo, foram levados para a Polícia federal na Praça Mauá e podem pegar até três anos de cadeia.¹⁴³

Os dirigentes do sindicato foram presos, devido a uma liminar conseguida na justiça, pois, foi acordado entre o sindicato e a empresa as trocas de turno, o sindicato acatou em prol de se ter as negociações. Todavia, a empresa não se pronunciava nas negociações, dessa forma, a atitude do sindicato foi a radicalização, decidindo não efetuar mais as trocas, essa decisão acarretou na prisão de seus líderes. Observe na notícia o desenrolar desse processo:

A Bayer se utilizou de todas as manobras para quebrar o movimento. Inicialmente fez um acordo com o sindicato pelo qual se revezariam os turnos, que garantem a manutenção dos equipamentos, e em troca se abririam as negociações. O sindicato cumpriu a empresa não. Diante disso o sindicato suspendeu o revezamento levando a empresa a recorrer à justiça onde conseguiu uma liminar. Apoiada nessa liminar a polícia federal prendeu os dirigentes do sindicato.¹⁴⁴

Com a prisão dos líderes do sindicato os ânimos dos grevistas ficaram exaltados, a imprensa sindical desferia ataques diretos à empresa, informando que a máscara da empresa caía face ao movimento grevista. Apesar da prisão dos líderes a paralisação continuou e os operários elegeram um novo comando, para dirigir o conflito. Segundo informações os trabalhadores não desistiriam até terem suas reivindicações atendidas, assim, “com piquetes, passeatas todos os dias e muita disposição os trabalhadores garantem lutar até a vitória”.¹⁴⁵

¹⁴² Jornal O Dia, Rio de Janeiro, p.4, 18 jun. 1989.

¹⁴³ Jornal O pontual, p.7, 18 jun. 1989.

¹⁴⁴ Jornal Convergência Socialista, 19 jun. 1989.

¹⁴⁵ Jornal Convergência Socialista, 19 jun. 1989.

O apoio à greve aumentava e nesse sentido os grevistas recebiam manifestações de solidariedade. De modo que a CUT estadual do Rio e os sindicatos cutistas da Baixada Fluminense, em particular o sindicato dos bancários, vereadores e deputados do PT, e o sindicato dos químicos de todo o país já enviaram telegramas à Bayer alemã, ao sindicato dos químicos da Alemanha e à própria empresa, exigindo as negociações.¹⁴⁶ Além dessas manifestações, na câmara municipal do Rio de Janeiro, alguns deputados estaduais e vereadores na maioria pertencentes aos partidos de esquerda (PT, PC Do B e PDT), fizeram um abaixo assinado e enviaram ao governador do RJ.

Nós abaixo assinados: nos solidarizamos com os trabalhadores da Bayer S/A de Belford Roxo e sua greve, pela sua justa reivindicação, exigindo a imediata abertura de negociação e diante do impasse criado nesse momento por tropas de choque da PM/RJ, repudiamos a repressão a esta e qualquer greve, pois achamos que este é um direito dos trabalhadores garantido na constituição, para evitar fatos como os ocorridos em Volta Redonda, solicitamos o recuo das tropas.¹⁴⁷

Dado ao prolongamento do movimento e a notoriedade do mesmo, o episódio entrou na discussão de parlamentares, que já se preocupavam com as proporções do ocorrido. Começava-se a se tornar preocupante a duração do impasse e a presença constante da força policial na porta da fábrica, o fantasma da repressão assombrava. O medo de uma reprise dos acontecimentos de Volta Redonda em Belford Roxo ficava evidente na mensagem destinada ao governador.¹⁴⁸

Apesar de todas as manifestações de solidariedade, a situação não parecia estar perto do fim, os membros do sindicato enviaram uma carta aos companheiros de luta e à comunidade, com o objetivo de orientar os trabalhadores na luta e de inflamar o espírito dos companheiros para que eles não desistissem do movimento, dessa maneira, o conteúdo era:

A manifestação da força do trabalhador se faz necessária e é fundamental para demonstrar a união e a disposição de luta que está presente nos companheiros. A vitória da paralisação é visível, pois a Bayer vem tentando de todas as formas destruir as lideranças sindicais. Mas a nossa disposição de luta é forte e persistente e estamos unidos. Os nossos piquetes tem que crescer a cada dia para demonstrar a nossa disposição, e tenho certeza que os companheiros estão mais unidos do que

¹⁴⁶ Jornal Convergência Socialista, 19 jun. 1989.

¹⁴⁷ Telegrama enviado para o governador do Estado Do Rio de Janeiro e Comandante da PMRJ. Sem/data.

¹⁴⁸ A **Greve de 1988** foi um movimento levado a cabo pelos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional- CSN, situada em Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro do ano de 1988. O Exército e a PM então, no dia 9 de novembro, começam a dispersar a multidão que se concentra no bairro Vila Santa Cecília, e invade a empresa, procurando retomá-la aos grevistas. Em meio à confusão, ocorre a morte, no interior da usina, de três operários: **Carlos Augusto Barroso**, de 19 anos; **Walmir Freitas Monteiro**, 27 anos; e **William Fernandes Leite**, 22 anos. Além dos mortos, cerca de uma centena de feridos completa o saldo final da greve naqueles dias.

nunca. Alguns líderes estão presos, mas a base continua com disposição de lutar até o fim, desistir seria se acovardar e aceitar os grilhões da escravidão. Nós trabalhadores temos que estar prontos para qualquer situação que se apresentar diante de nós [...] Não ceda companheiro! A luta continua.¹⁴⁹

O conteúdo da mensagem procura reforçar os laços de união dos trabalhadores a todo o momento, se atentarmos para isso, pode-se ter uma evidência que o ânimo para a luta dos trabalhadores poderia estar se esvaindo, já que os líderes estavam presos e a Bayer não dava sinais de negociação. Nesse sentido o escritor da mensagem, ciente do momento de dificuldades, buscou reavivar o ânimo dos trabalhadores, mostrando a conquista da paralisação e que era importante não desistir naquele momento.

Durante todo o dia 16 de junho de 1989, os trabalhadores mostravam sua força nos piquetes que impediam a entrada de vários caminhões. Essa parede humana feita para evitar as entradas dos caminhões, algumas vezes ganhava contornos dramáticos como a reportagem retrata:

Policiais militares e funcionários da Bayer, em greve há 12 dias, quase chegaram ao conflito ontem pela manhã, quando a direção patronal tentou forçar a entrada de caminhões carregados com produtos químicos nas instalações daquela empresa. Grevistas se deitaram em frente ao portão principal do complexo fabril de Belford Roxo e impediram a entrada da carga. Acerto posterior garantiu apenas o recebimento de produtos essenciais à fábrica.¹⁵⁰

No dia 17/06/89, foi realizada uma passeata de denúncia no centro de B. Roxo com a participação aproximada de 1500 pessoas entre trabalhadores da Bayer e moradores de B. Roxo. A passeata tentou paralisar a Rodovia Presidente Dutra por alguns minutos, mas foi impedida pelos policiais. No mesmo dia, à noite, foram liberados, sob fiança, os três diretores (Edson, Rudnei, Antonio) e Homero, representante da CUT- Baixada. O delegado da Polícia Federal entendeu que a greve foi pacífica não houve desorganização do trabalho. Diferente do delegado que fizera a atuação anterior dos 3 outros diretores que continuaram presos (Djalma, Aécio e Ronaldo). Além da passeata, durante todo o dia, os trabalhadores mostravam sua força nos piquetes que impediam a entrada de vários caminhões.

A partir do dia 19 de junho de 89, os grevistas começaram a ter as primeiras baixas em seus piquetes, com a presença de um grande contingente policial fortemente armado, o piquete da porta da fábrica que evitava entrada de caminhões fora vencido. Assim, as carretas que estavam estacionadas na porta da fábrica há 12 dias entraram. Como também escoltado

¹⁴⁹ Carta aberta aos companheiros de luta e à comunidade, Sindquímica, 19 jun. 1989.

¹⁵⁰ Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, p.3, 17 jun. 1989.

pelos policiais entraram os trabalhadores das empreiteiras. O piquete, sendo derrotado, representou um duro golpe nas bases do movimento, que olhava para aquela barreira humana como um grande símbolo de união e resistência dos trabalhadores.

Aos poucos, a empresa minava a resistência dos trabalhadores, que com alguns dirigentes, ainda presos, começava a encontrar dificuldades para a mobilização. Para piorar a situação no dia 20 do mesmo o sindicato da categoria foi proibido de atuar próximo a Bayer, como ficou evidenciado na reportagem do Jornal O dia:

Os 2500 trabalhadores do Complexo da Bayer atingem o 14º dia de greve com dificuldades de mobilização, tendo em vista que foi proibida a atuação dos dirigentes do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu nas intermediações da empresa. Mesmo assim, a categoria continua em assembléia permanente, fazendo piquetes nos portões e tentando negociar com a direção da empresa. Segundo a direção da entidade classista, a adesão ao movimento é de 90%, sendo que a produção está completamente parada. “Depois das prisões dos sindicalistas, ocorridas no final da semana passada ficou difícil mobilizar a categoria para manifestações ou atos de protesto”. Disse o diretor do sindicato da classe, Roberto Saverá Vicente.¹⁵¹

Os trabalhadores davam sinais de enfraquecimento, após as prisões dos sindicalistas e, também, a demora do patronato em dar uma posição nas negociações, ajudava a diminuir o ânimo dos grevistas, que não paravam de encontrar dificuldades para atuação. O sindicato precisava a todo o momento trabalhar no psicológico dos grevistas distribuindo panfletos que continham uma retórica de conquistas da classe. Os panfletos também tinham um papel informativo, pois, segundo o sindicato da categoria, a indústria se utilizou de várias formas para enfraquecer o movimento. O último panfleto distribuído pelo sindicato para orientar os trabalhadores, revelava alguns truques utilizados pela Bayer para enfraquecer o movimento grevista:

Estão colocando ônibus, com as cortinas fechadas, para que acreditemos que a greve está sendo “furada”. Informam que não é necessária a troca do turno, pois já têm muitos operários dentro da fábrica. Mentira! Até agora entraram poucas pessoas, em todos os turnos. Os chefes vão buscar os funcionários em casa; dão telefonemas chamando o funcionário para trabalhar. Temos que ficar atentos a todos estes “truques”. Eles pretendem apenas nos deixar confusos. Não se deixe enganar, e confie apenas nas informações do sindicato.¹⁵²

A confusão de informações jogadas no seio do conflito por sindicato e empresa parecia confundir os trabalhadores que ficavam confusos, isso, de certa maneira, minava o movimento grevista, dificultando as atividades do sindicato que precisava trabalhar em

¹⁵¹ Jornal O Dia, Rio de Janeiro, p.4, 20 jun. 1989.

¹⁵² Panfleto A greve continua, Sindiquímica, 20 jun. 1989.

diversas frentes como: organização dos piquetes, divulgação das informações e combate às informações tendenciosas divulgadas, orientar e motivar os trabalhadores para a luta.

Tamanha as atividades que o sindicato tinha que dar conta, que no 15 ° dia de greve estava ficando difícil lutar contra o frio, cansaço e o desapontamento com alguns colegas que fraquejavam e preferiam o lado dos patrões ao do sindicato. O movimento perdera fôlego, apesar da disposição observada nos dias anteriores nos piquetes, reuniões na porta de fábrica e assembleias. A pressão de diversas formas que a empresa vinha exercendo sobre a categoria enfraqueceu o movimento, a tendência era ele ruir frente às dificuldades. No dia 21/06/89, os trabalhadores decidem terminar a greve, a decisão ocorreu no pátio da companhia com a presença de 700 funcionários. O fato mereceu a cobertura da mídia local que noticiou o desfecho da greve:

O complexo industrial da Bayer, em Belford Roxo, voltou a funcionar a plena atividade com a decisão dos funcionários em suspender a greve. A decisão foi tomada em assembléia realizada ontem, por volta das 07h30min, no pátio da companhia onde cerca de 700 funcionários estiveram presentes.[...] Durante a greve, a Bayer amargou em vendas de produtos prejuízo diário de 1,25 milhões de dólares. A greve também chegou a afetar as exportações da empresa que deixou de faturar nos dez primeiros dias do movimento cerca um milhão de dólares. Entretanto, a companhia espera recuperar parcialmente os prejuízos com a retomada da produção.¹⁵³

Verifica-se que a paralisação gerou enormes prejuízos a empresa, que se manteve intransigente em termos de negociação com seus funcionários, mesmo tendo um prejuízo de cerca de um milhão de dólares nos 10 primeiros dias. A opção patronal foi esperar a resolução do impasse no dissídio coletivo da categoria, já que achava as reivindicações abusivas, havia discordâncias no que tange ao número que revelava as perdas salariais dos trabalhadores.

A estratégia patronal parece, no primeiro momento, ter logrado sucesso, já que a resistência a negociação e outros artifícios, no decorrer do processo, fizeram com que a paralisação fosse perdendo fôlego. Segundo o tesoureiro do sindicato, Edson Luís de Barros, a pressão exercida pela empresa foi determinante para a decisão dos trabalhadores em suspender o movimento. Ainda, segundo ele “desde o dia 19/06/89, a empresa passou a buscar de táxi muitos funcionários em casa, o que estava minando o movimento. Por isso, decidimos retornar ao trabalho e aguardar a abertura de negociações”.¹⁵⁴

¹⁵³ Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, p.5, 22 jun. 1989.

¹⁵⁴ Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, p.5, 22 jun. 1989.

A Bayer não tinha uma paralisação desde 1964, nesse sentido para Barros que não acredita ter o movimento falhado, o ganho do movimento foi político. Conforme o tesoureiro afirma “nosso maior ganho foi o político, conseguimos paralisar uma fábrica que não entrava em greve desde 1964. Além disso, vamos continuar lutando pelos 37,44% de reposição salarial, a Bayer só reconhece 9,35% e ela só aceita discutir esse percentual no dissídio”.¹⁵⁵

Cientes do grande feito de ter paralisado uma fábrica que há muito tempo não se via diante de tal situação, quando os trabalhadores terminam a greve, entram na fábrica de cabeça erguida, de mãos dadas e cantando, prometendo voltar o movimento em setembro. A luta dos trabalhadores ainda iria continuar, pois, a briga agora seria para manter seus postos de trabalho.

O presidente do sindicato no momento do acordo para a volta dos trabalhadores as atividades, teria pedido a direção da empresa a promessa de que não haveria punição ou demissões. Entretanto, o resultado do julgamento parece ter influenciado a direção da empresa a mudar de ideia.

Depois de terem recebido da direção da Bayer a promessa de que não haveria punições ou demissões e que os dias de greve não seriam descontados, o que levou os químicos da empresa a retornarem suas atividades na última segunda- feira. Após uma paralisação de 15 dias, os dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Química de Nova Iguaçu receberam informações, ontem, que a direção da empresa prometeu anunciar 30 demissões de grevistas no início da semana. Segundo Djalma Lima de Araújo, presidente da entidade de classe, a decisão da empresa em demitir grevistas deve ter sido tomada em consequência do resultado do julgamento do movimento, pelo 1º grupo de turmas do Tribunal Regional do Trabalho que declarou a ilegalidade da greve. Djalma destacou que a Bayer mantém a palavra de não descontar os 15 dias de greve, nos salários apesar da decisão do TRT que dá esse direito a empresa. Os dias parados serão compensados em horas- extras de serviço, contudo, a direção da empresa nada quis falar sobre as demissões. Depois da greve e do retorno ao trabalho sem terem conquistado qualquer melhoria salarial, os químicos da Bayer resolveram adiar para setembro a data-base da categoria. No entanto, caso sejam confirmadas as demissões, o sindicato mobilizará os trabalhadores numa nova campanha contra a dispensa dos grevistas.¹⁵⁶

Como visto na reportagem, a direção não se manifestou sobre as demissões, no entanto, com o movimento sendo julgado ilegal era o respaldo necessário que a empresa necessitava para fazer várias demissões. E assim foi feito, os que foram considerados os cabeças do movimento receberam a carta de demissão em suas casas. O Sindiquímica através do órgão informativo do sindicato da categoria relatava com sarcasmo o fato das demissões, informando: “Após a greve, 35 trabalhadores com vários anos de casa receberam a carta de

¹⁵⁵ Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, p.5, 22 jun. 1989.

¹⁵⁶ Jornal O Dia, Rio de Janeiro, p.7, 26 jun. 1989.

demissão da “mamãe” Bayer”.¹⁵⁷ Juntamente com os trabalhadores demitidos a empresa demitiu todos os diretores do Sindicato que trabalhavam na Bayer, o informativo da categoria retratou esse fato como “mais uma atitude nazista de uma empresa que tenta esconder seu autoritarismo atrás de uma política demagógica”.¹⁵⁸

A relação entre sindicato e empresa, após o fim da greve, não parece ter ficado menos conflituosa, as trocas de farpas entre as duas entidades não cessaram. O sindicato não aceitou pacificamente as demissões dos grevistas e dos diretores sindicais, e incitava por meio de seus informativos que a luta iria continuar e denunciava a empresa, “A Bayer está demitindo covardemente nossos companheiros, porque tiveram a coragem de lutar pelos nossos direitos, pela dignidade do trabalhador”.¹⁵⁹

Os informativos do sindicato tinham como tentativa manter a unidade e lutar pela reintegração dos demitidos, a relação com a diretoria não era boa, segundo o sindicato a direção chegou a demitir quatro mestres do setor do MDI e diversos operários de outras fábricas. Dentre os funcionários demitidos estavam funcionários imprescindíveis para a segurança do complexo devido à experiência e qualificação dos mesmos. Para a entidade classista a atitude revelava “a insanidade da direção da Bayer que não tem limites estão colocando em risco a segurança da empresa e seus “ilustres colaboradores”.¹⁶⁰

Há 25 anos não acontecia uma greve na Bayer, mas o conflito demonstrou que havia inúmeros questionamentos por parte dos trabalhadores à direção da empresa. Quanto à imagem construída de boa empresa, o sindicato desferia ataques ferrenhos a essa imagem:

A Bayer ficou desesperada. Transformou a fábrica em um campo de concentração, uma réplica de Aushwitz. Reviveram o tempo da GESTAPO, e a ditadura militar, ordenando a prisão de diversos sindicalistas, alguns ficaram detidos quatro dias na cela da polícia federal, e agora estão demitindo diversos companheiros. Não podemos nos acovardar, vamos nos unir mais ainda. Lutar pela reintegração dos demitidos, fazer um fundo de greve para as próximas lutas. Vamos tirar formas de luta para pressionar a empresa.¹⁶¹

A greve reduziu a pó a falsa e hipócrita democracia que os patrões insistem em dizer que existe na Bayer. Ao mesmo tempo, que chama os trabalhadores de colaboradores e diz que todos fazem parte de uma grande família, a Bayer chama a polícia, com batalhões de choque e cães, para reprimir o legítimo direito de greve. Centenas de policiais armados estiveram presentes na porta da empresa em todos os dias da greve.¹⁶²

¹⁵⁷ Informativo do Sindiquímica, jun. 1988.

¹⁵⁸ Informativo do Sindiquímica, jun. 1988.

¹⁵⁹ Informativo do Sindiquímica, Sindicato é pra lutar! , 26 jun. 1989.

¹⁶⁰ Informativo do Sindiquímica, Sindicato é pra lutar! , 26 jun. 1989.

¹⁶¹ Informativo do Sindiquímica, A greve é legal, 26 jun. 1989.

¹⁶² Informativo do Sindiquímica, Bayer rasga a fantasia, jun.89.

Ao analisar esses escritos é necessário ter um enorme cuidado devido à conjuntura de luta, é factível que contenha alguns exageros no conteúdo dos panfletos devemos olhar com atenção, a menção ao tempo de Aushwitz. As acusações de nazismo se relacionavam não apenas ao fato da empresa ser alemã, mas também ao fato de na época ainda ter diretores alemães no Brasil. De forma mais específica, era uma alusão ao profundo envolvimento da empresa com o regime nazista na segunda guerra mundial, sobre o qual os ativistas de esquerda envolvidos na organização da greve provavelmente tinham algum grau de conhecimento. Todavia, a realidade da greve da Bayer de Belford Roxo não deve ter sido a mesma do tempo de Aushwitz. A presença de inúmeros policiais na porta da fábrica ocorreu pelo poder de influência da Bayer no distrito de Belford Roxo. E também pela década de 80 ter sido caracterizada por inúmeros movimentos de greve, num cenário de greve a polícia era a mão do estado para conter ou acabar com essas mobilizações grevistas.

Sobre a distribuição de vários panfletos no entorno da fábrica após o encerramento da greve, a diretoria da empresa resolveu se manifestar enviando cartas aos seus colaboradores defendendo- se das acusações de que praticava atos de terrorismo. Observe uma parte da carta da diretoria direcionada aos seus trabalhadores:

Desde o encerramento da greve o Sindicato vem realizando a distribuição de vários panfletos. Apesar dos ataques à Bayer e suas Chefias, a empresa julgou desnecessário emitir qualquer tipo de resposta, pois todos que viveram a experiência da greve sabem qual foi a realidade dos fatos. Agora, entretanto, dentro de uma campanha maldosa e difamatória para prejudicar a imagem da empresam estão sendo colocados cartazes em Belford Roxo e nas proximidades da fabrica, sem a identificação quanto a sua origem, dizendo que a Bayer pratica atos de terrorismo, comparando-a a um verdadeiro campo de concentração. É absolutamente lamentável e grosseiro esse tipo de procedimento. Você acha realmente que a sua empresa é um campo de concentração? Você se considera submetido a ações terroristas? A Bayer é, na verdade, uma das empresas mais procurada no Rio de Janeiro por aqueles que querem um emprego melhor.¹⁶³

No evento da greve na Bayer evidenciamos um legítimo antagonismo de classe, pois, a empresa como um ótimo capitalista assumiu um prejuízo financeiro oriundo da paralisação, entretanto, relutou em abrir concessões à classe operária. Ao longo das páginas, percebe-se que o que mobilizou a greve na Bayer foi o desejo de seus trabalhadores de terem uma reposição salarial e melhores condições de trabalho. Percebe- se no caso da indústria química estudada os trabalhadores como sujeitos da própria história, ao se acharem dentro de um contexto de exploração, foram à luta em busca de melhores salários e assim ter a situação de

¹⁶³ Carta da diretoria Bayer do Brasil S/A destinada aos seus trabalhadores, A realidade dos fatos. São Paulo, 27 jul. 1989.

exploração minimizada. Diante disso, os operários reivindicavam um salário mais digno que os propiciassem as condições básicas para se ter um nível bom de vida para eles e suas famílias.

A meta era conseguir a reposição das perdas salariais provocadas pela política econômica do governo que influenciava o modo de vida da classe trabalhadora brasileira. Em meio a uma situação inflacionária os trabalhadores viam o poder de compra se reduzir cada vez mais. No exemplo de Belford Roxo, percebemos que os trabalhadores se uniram e foram a luta por melhores salários, no início a paralisação era de 24 horas, uma forma de chamar a atenção da empresa para olhar a reivindicação dos seus trabalhadores. Entretanto, as coisas tomaram outro rumo, a greve que era então de um dia tornou-se por tempo indeterminado, a paralisação serviu para colocar em evidência inúmeros questionamentos que existia por parte dos trabalhadores à direção da empresa.

No conflito, recheado de tensões e estratégias de parte a parte, foi possível perceber um exemplo de união, coragem e firmeza entre os trabalhadores que procuravam uma vida melhor e percebiam que a fábrica que eles trabalhavam podia atender essa demanda. A luta dos trabalhadores não era somente contra a direção patronal, mas pode-se verificar uma luta contra o sistema imposto pelo capitalismo selvagem de todo o capital nacional e internacional. No âmago desse sistema os trabalhadores são os mais prejudicados.

Os 15 dias de greve na Bayer, foram um exemplo de luta da classe trabalhadora, nos dias parados verifica-se uma organização e disposição em prol de um objetivo. Foram feitos piquetes na porta da fábrica, mobilização de trabalhadores e da população local nas passeatas e tudo isso com a companhia agradável da força policial. A duração da greve pode revelar um repúdio à forma de atuação da direção patronal nos últimos anos, os colaboradores estavam descontentes com o baixo salário recebido se comparado ao lucro que eles proporcionavam à empresa.

Apesar de no conjunto de trabalhadores da Baixada Fluminense, os da Bayer terem os melhores salários, os operários perceberam que a indústria era uma das poucas empresas da região e do país, com a maior lucratividade e, ainda assim, gastava pouco com sua mão de obra. Considerando também, o estado de penúria que vivia o trabalhador brasileiro, tendo necessidades primárias para viver, saudavelmente, naquele momento, para minimizar esta realidade, o único diálogo foi a greve.

A luta dos trabalhadores da Bayer não foi em vão, a categoria teve ganhos políticos impossíveis de serem mensurados, só pelo simples fato de terem parado uma indústria química de grande porte que não parava há 25 anos, a paralisação já pode ser considerada honrosa. Entretanto, a mobilização serviu para mostrar a necessidade dos trabalhadores de se organizarem mais ainda e montar novas estratégias para lutar pelos direitos da classe. O dossiê feito pelo sindicato para relatar a greve, é finalizado da seguinte maneira “A greve, ocorrida na Bayer, foi um fato histórico, servindo-nos de lição, como também para todo o movimento sindical, e porque não afirmar, à classe capitalista”.¹⁶⁴

No final do conflito, na data-base da categoria, parte das reivindicações foram atendidas, muitos trabalhadores que foram demitidos entraram na justiça do trabalho e retornaram ao trabalho através de liminar. A greve tornou-se um fato histórico tanto para os trabalhadores como para a empresa, implicou numa mudança de relação entre empresa e sindicato, percebeu-se que o diálogo é o melhor remédio para evitar conflitos da mesma proporção da greve. Embora, a relação não tenha se tornado menos conflituosa da noite para o dia, no acordo coletivo de 1990, os trabalhadores pediram a direção da empresa uma comissão de fábrica. A direção pediu um ano para elaboração da comissão de maneira que ela tivesse estatuto próprio, e ela entrou em vigor em 1992, a inspiração foi o modelo de comissão da Volkswagen de São Paulo, ABC paulista.

A comissão de fábrica veio para atuar nas questões internas na empresa como, por exemplo: vestuário, armário velho, demissões, assédio moral, problemas com a chefia. Nesse sentido a comissão tem a meta de atenuar os conflitos internos, fazer uma intermediação entre os trabalhadores e a direção da fábrica. Ela é eleita por votação entre os trabalhadores, e exerce um mandato de dois anos. A instauração da comissão de fábrica é entendida pelo sindicato como uma conquista legítima dos operários da Bayer, já que na Alemanha é obrigado por lei, aqui foi uma reivindicação atendida dos trabalhadores.

A relação comissão de fábrica e empresa é assunto para outro trabalho, no momento o trabalho fica restrito a narrativa da greve para assim perceber a complexidade das situações inerentes a esse momento na vida da classe trabalhadora. Desse modo, observa-se que é, em meio às dificuldades, que é forjada a identidade de uma classe, a categoria dos químicos de

¹⁶⁴ Informações adquiridas através de um Dossiê sobre o histórico da greve Disponível no Sindiquimica. Sindicato que representa os trabalhadores da Bayer de Belford Roxo.

Belford Roxo está dentro de um contexto de lutas, no qual a classe trabalhadora buscava seu espaço, sua voz, sua força política numa sociedade desigualitária.

Dessa maneira, finalizo esse capítulo com um pronunciamento da Pastoral operária Diocesana sobre o ocorrido, em Belford Roxo:

Como cristãos, nos sentimos solidários e apoiamos todos que têm fome e sede de justiça. Reconhecemos na luta dos trabalhadores o exemplo de união, coragem e firmeza com que todos os pobres devem procurar uma vida melhor sem aceitar manipulações e provocações. Estamos felizes que este exemplo mais uma vez venha de Belford Roxo, região que os meios de comunicação Social apresentam como exemplo de violência. Isso nos confirma que as verdadeiras mudanças virão dos pobres, como nos indica Jesus, nas Bem – aventuras.¹⁶⁵

¹⁶⁵ Carta aberta aos trabalhadores e às comunidades, Pastoral Operária Diocesana, Coordenação de Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu. Sem / data.

Considerações Finais

Nosso tema de estudo foi uma indústria química de grande porte que se estabeleceu em 1958, em Belford Roxo, que na época era um distrito pouco populoso e subdesenvolvido de Nova Iguaçu. Dentre algumas metas de pesquisa, estava o interesse em saber o porquê da escolha da localidade para o empreendimento industrial. De acordo com a análise da bibliografia especializada na urbanização e industrialização da Baixada Fluminense, a localização estratégica da região nos anos 50 e 60, fez florescer um surto industrial no espaço. Não somente a localização, mas outros fatores foram atraentes para as indústrias como: incentivos fiscais das prefeituras, abundância de mão-de-obra barata e a reestruturação do parque industrial da cidade do Rio de Janeiro implicou em investimentos na região da Baixada.

No decorrer da investigação verificamos a mudança no perfil da região de Nova Iguaçu que no período anterior à segunda guerra mundial era caracterizada pela produção de laranjas e tinha contornos rurais. A partir do declínio da citricultura observamos a geração de reflexos negativos para área que precisava se reinventar, com o declínio, a região da Baixada inicia o processo de transformação do seu espaço. O fim do ciclo da laranja propiciou o início do processo de transformação do espaço, antes rural da Baixada Fluminense, em espaço urbano, teve-se o aumento dos loteamentos residenciais

O final da citricultura em Nova Iguaçu se deu no mesmo período do processo de industrialização e urbanização do Brasil. No Rio de Janeiro a industrialização era concentrada nas suas áreas centrais, entretanto, a reestruturação do parque industrial da cidade do Rio de Janeiro gerou reflexos na região da Baixada Fluminense, observa-se então um direcionamento de novos investimentos fabris para a periferia.

O crescimento industrial da região atraiu um contingente populacional grande que devido à modernização das áreas centrais da cidade eram expulsos para as zonas periféricas mais próximas, a Baixada Fluminense foi o destino de muitos migrantes. Nessas zonas o custo de moradia mais barato e facilidade de se locomover ao centro da cidade utilizando o trem aparecem como atrativos interessantes para os migrantes.

A inauguração da Avenida Brasil em 1940 e a liberação da Rodovia Presidente Dutra ao tráfego em 1951 tornaram-se eventos importantes que ajudaram na industrialização da Baixada Fluminense. No bojo desse processo de Industrialização e urbanização da região,

Nova Iguaçu exerceu um papel de centralidade em relação aos outros municípios, largando na frente na estruturação de sua rede própria de serviços e comércio.

No momento da instalação da Bayer na localidade, Nova Iguaçu estava perdendo aos poucos o seu caráter rural e estava ganhando contornos urbanos, vivia também o aumento de sua população devido à vinda de imigrantes para a região pela relativa facilidade na compra de lotes. Outro ponto que merece destaque é que o território iguaçuano estava atraindo as instalações de inúmeras indústrias por conta de incentivos fiscais concedido pela prefeitura. Outro atrativo era a proximidade da Rodovia Presidente Dutra que proporcionava uma melhora no transporte de mercadorias.

Dentre inúmeros fatores explicitados no trabalho que corroboraram para a instalação da fábrica na região, a localização do terreno parece ter sido preponderante, assim a indústria Química estudada teve sua instalação na localidade devido à localização estratégica do município de Belford Roxo que fica próximo a Rodovia Presidente Dutra, ao centro do Rio de Janeiro e relativamente próximo a São Paulo que estava se constituindo como polo Industrial na época.

Além disso, através do que foi explicitado pode-se que a Bayer teve sua implantação na região por conta de uma conjuntura que vivia a cidade do Rio de Janeiro e a região da Baixada fluminense. Ademais, Foi possível verificar a empresa no contexto da industrialização brasileira, implantada em 1958, em meio ao projeto desenvolvimentista do Presidente Juscelino Kubitschek. O empreendimento industrial contou com o apoio do presidente da república que participou ativamente das negociações em prol da multinacional ser implantada em solo brasileiro. A empresa se apresentava como uma importante indústria química de base para o Brasil e prometia prestar serviços de relativa importância a economia brasileira.

Através do que foi estudado até o momento acredita-se que a empresa enquadra-se num processo de industrialização vivido pelo Brasil na segunda metade do século XX, assim como, ela entra no circuito de industrialização e urbanização da Baixada Fluminense. Todavia faltaram elementos que permitissem desenvolver um pouco mais o debate sobre o papel da Bayer no projeto desenvolvimentista, a questão foi levantada e também foi dada a atenção para a temática que poderá ser analisada numa outra pesquisa de maior fôlego no futuro.

Também se constituiu como um dos alvos da pesquisa a utilização da vila residencial da Bayer, assim foi despertado o interesse em saber o porquê da utilização da vila e como

teria sido essa experiência. Sabe-se que a historiografia tem registrado diversos casos de fábricas com vila operária, de acordo com as pesquisas a utilização das vilas podem ter diversos objetivos como: controle, uma forma de barganha perante os trabalhadores, diminuição de gastos com transporte de funcionários ou entra como mais um “benefício social” oferecido pelas empresas.

No caso específico da Vila da Bayer foi possível verificar que o sistema de transporte limitado e precário teria influenciado na construção de casas junto ao complexo que iriam compor a vila residencial. Pois, a fábrica necessitava de certos funcionários especializados junto às unidades fabris, tendo em vista às dificuldades de locomoção a construção da vila apareceu como uma alternativa a essa situação.

Além disso, a vila operária da Bayer tinha a função de abrigar os alemães que exerciam cargos de chefia e os funcionários especializados indispensáveis às unidades produtivas. Não foi possível perceber se a vila residencial da Bayer em alguns momentos de sua existência, teria sido utilizada pelos patrões como uma forma de controle da força de trabalho. Entretanto, através dos relatos colhidos é perceptível que seu efeito educador parece ter sido assimilado pelos que lá moravam, pelo menos no que concerne o senso de responsabilidade exigido pela empresa aos moradores da vila residencial. Contudo, “forma de controle” exercida pela vila da Bayer se dá de forma subjetiva. Pois, dada à forma como era disponibilizada a casa aos funcionários, tendo ele nenhuma preocupação com as contas, acredita-se ser difícil um operário não se adequar ao comportamento que a empresa espera dele, pois, do contrário ele perderia um de seus “benefícios sociais” se for entendida a vila com esse propósito.

Ao longo do trabalho procurou-se demonstrar um breve histórico da indústria química pesquisada, passando pelo contexto de sua instalação, sua experiência com a vila residencial, também, observou-se que ela passou por transformações produtivas no decorrer dos anos. Vale ressaltar alguns resultados de algumas transformações produtivas, eles são: renovação do corpo gerencial (retirada dos alemães dos cargos de chefia), expansões nos anos 70 e 80 gerando aumento do número de empregados, tornando assim a unidade industrial a maior geradora de empregos da região de Belford Roxo. Por fim, as reestruturações dos anos 90 implicaram na redução do número de funcionários e adoção do sistema de sinergia comercial (atraindo empresas parceiras a se instalarem no espaço do complexo industrial). Mas, ainda

assim, o complexo industrial, continua tendo importância estratégica para o município, tanto na geração de empregos quanto de receita.

Não deixando de ilustrar um evento histórico para a empresa – a greve de 1989-, foi estudada no terceiro capítulo do trabalho. Logo, observou-se que no momento da greve na Bayer em junho de 1989, o Brasil vivia uma conjuntura econômica desfavorável que influenciava o modo de vida dos trabalhadores. A inflação corroía o poder de compra dos trabalhadores. Frente a esse contexto difícil percebe-se um ressurgimento e uma maior mobilização por parte da classe trabalhadora. Ainda nos anos 80 vive-se uma maior atuação do sindicalismo brasileiro levantando as bandeiras dos trabalhadores.

Seguindo os objetivos constatou-se que os trabalhadores da Bayer demonstraram sua organização e força reivindicativa na greve de 15 dias, em busca de melhores salários. Na ocasião os operários tiveram um embate forte com a empresa, vivenciou-se à utilização de estratégias de parte a parte a fim de uma resolução do impasse, uma situação tensa entre sindicato e direção da empresa foi a tônica do conflito. Analisando o movimento grevista percebe-se que os trabalhadores não foram passivos, mostraram à empresa suas forças para lutar por melhores salários e condições de trabalho. Assim, foi forjada, no momento de luta, uma união e a formação da identidade de grupo dos químicos da Bayer

A relação entre empresa e sindicato ficou estremecida após a referida greve, isso implicou numa mudança de estratégia do sindicato que representava a categoria nos anos seguintes. Empresa e sindicato perceberam que o diálogo é o melhor remédio para atenuar os grandes conflitos, dessa maneira uma das reivindicações dos trabalhadores foi atendida, a instauração de uma comissão de fábrica, ela veio para atuar nas questões internas. Entretanto, as implicações da instauração de uma comissão de fábrica no interior da indústria é assunto para outro trabalho, por enquanto limita-se ao que foi exposto até aqui

Ademais, é possível finalizar que a Bayer constitui-se como um bom alvo de pesquisa mostrando-se rica em interlocuções entre empresa - colaboradores, empresa- espaço urbano, empresa – industrialização.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes

História oral:

Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul.2011.

Arquivo do Sindiquimica:

Panfleto: A Bayer na Vanguarda, Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A, RJ, 10 jun. 1958.

Carta da diretoria da Bayer S.A. endereçada aos seus colaboradores, Rio de Janeiro, 14 jun. 1989.

Bayer do Brasil S.A. telegrama endereçado ao SR. Djalma Lima Araújo, presidente do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de produtos químicos de Nova Iguaçu, Belford Roxo, 14 jun.1989.

Carta aberta aos companheiros de luta e à comunidade, Sindquimica, 19 jun.1989.

Panfleto A greve continua, Sindiquimica, 20 jun.1989.

Telegrama enviado para o governado do Estado Do Rio de Janeiro e Comandante da PMRJ/sem data.

Informativo do Sindiquímica, junho.88.

Informativo do Sindiquímica, Sindicato é pra lutar! 26 jun.1989.

Informativo do Sindiquímica, A greve é legal, 26 jun. 1989.

Informativo do Sindiquímica, Bayer rasga a fantasia, junho. 89.

Carta da diretoria Bayer do Brasil S/A destinada aos seus trabalhadores. A realidade dos fatos. São Paulo, 27 jul. 1989.

Ofício da diretoria Bayer do Brasil S/A. São Paulo, 27 jul. 1989.

Carta aberta aos trabalhadores e às comunidades, Pastoral Operária Diocesana, Coordenação de Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu/ sem data.

Periódicos

Jornal A lavoura, Rio de Janeiro, 02 jun. 1900.

Jornal Correio da Lavoura n°.2152. Nova Iguaçu, RJ, 15 jun. 1958.

Novo Conjunto de Fábricas Bayer, Revista o Cruzeiro, RJ, Ed.junho de 1958.

Folha de São Paulo, 04 maio. 1989.

SINDILUTA, São Paulo, 23 maio. 1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 15 jun. 1989.

Jornal O pontual, Nova Iguaçu, 15 jun.1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 17 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 18 jun. 1989.

Jornal O pontual, Nova Iguaçu, 18 jun. 1989.

Jornal Convergência Socialista, 19 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 20 jun. 1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 22 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 24/ jun. 1989.

Referências Bibliográficas

ALVES, Giovanni. Do “Novo Sindicalismo” À “concertação social” Ascensão (E CRISE) Do Sindicalismo no BRASIL (1978-1998). Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 15, p. 111-124, nov. 2000.

ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. São Paulo: Boitempo, 1988.

BATALHA, Claudio. (2007) “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In Marcos Cezar de Freitas (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Editora Contexto.

BATALHA, C. H. de M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATALHA, Claudio H. M. - Os Desafios Atuais da História do Trabalho Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.87-104, jan./dez. 2006.

BELOCH, Israel. *Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. – Rio de Janeiro: Record, 1986.

CARVALHO, Iracema Baroni. *Laranjas brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999.

COSTA, Hélio da. *Em busca da Memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Editora: Scritta, 1995.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CRUZ, M. C. V. e. *Virando o jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998;

DUPRÉ, Allen. *Bayer Belford Roxo 50 anos*. 1.ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008.

FERREIRA, Jorge. *O Nome e a coisa: O populismo na política brasileira*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re) produção do espaço da Baixada fluminense. Revista geo-paisagem (online), Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em:< <http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm>>. Acesso em: 12 set. 2011.

FONTES, Paulo. Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: AnnaBlume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo, 1997.

FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66). - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORTES, A. Como era gostoso meu pão francês: a greve dos padeiros de Porto Alegre (1933-1934). Porto Alegre, *Anos 90*, n. 7, 1997.

FORTES, Alexandre. O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino- americano. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 61-86, 2007.

FRENCH, John. O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900 – 1950. São Paulo: Hucitec/São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

HALL, Michael M. The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914. Nova Iorque: Columbia University, 1969. (tese).

HISTORIA ORAL- CEPEDOC Disponível em:< <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 out. 2011.

IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOPES, J. R. B. *Crise do Brasil arcaico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

LOPES, J. R. B. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

LOPES, José Sérgio Leite. O “Vapor do Diabo”: o trabalho dos operários do açúcar, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo, Marco Zero e Universidade de Brasília em co-edição com MCT/CNPq, 1988.

MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%20A3o2039/72A.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

OLIVEIRA, Alberto de; RODRIGUES, Adriano O. Industrialização na periferia da região metropolitana do rio de janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Económico, volumen 12, No. 24 (Edición especial), pp. 127-143 -ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colombia.

OLIVEIRA, Francisco. *A economia da dependência imperfeita*, Rio de Janeiro, Graal, 1977.

ORENSTEIN, Luiz. Democracia com desenvolvimento: 1956-1961 In: ABREU, Marcelo P. A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PEREIRA, Astrojildo. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.

RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira (2006). De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo. Dissertação de Mestrado. Instituto de pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ.

RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. São Paulo: Brasiliense, 1970.

SANTANA, Marco Aurélio. O sindicalismo brasileiro nos 1980-2000: do ressurgimento à reorientação. Ano V – Número 8 – 2011. p2. Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho.

SANTOS, Ruth Lyra. Notas sobre a ocupação humana da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

WEFFORT, Francisco C. Origens do sindicalismo populista no Brasil (A conjuntura do após guerra). Estudos Cebrap, nº 4, São Paulo: Cebrap, 1973

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no período 1930-1955*. In. MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1986.